



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA

BRUNA LUZIA BARBOSA DA COSTA

Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento, MA.

São Luís - MA

2025

BRUNA LUZIA BARBOSA DA COSTA

Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento, MA.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Ilisandra Zanandrea

São Luís - MA

2025

BRUNA LUZIA BARBOSA DA COSTA

Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento, MA.

Monografia apresentada ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Maranhão para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Ilisandra Zanandrea

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ilisandra Zanandrea (Orientadora)
Doutora em Agronomia - Fisiologia Vegetal
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a. Dr^a. Alana das Chagas Ferreira Aguiar
Doutora em Agronomia - Agricultura
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Juliano dos Santos
Doutor em Agronomia - Fitopatologia
Instituto Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barbosa da Costa, Bruna Luzia.

Etnobotânica das plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento, MA / Bruna Luzia Barbosa da Costa. - 2025.

54 f.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Ilisandra Zanandrea.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Etnobotânica. 2. Biodiversidade. 3. Conhecimento Tradicional. 4. Baixada Maranhense. I. Zanandrea, Prof^a. Dr^a. Ilisandra. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus gatos, que me inspiram a estudar plantas medicinais, mostrando que até os felinos encontram na natureza seus próprios remédios.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, cuja força e sabedoria me sustentaram ao longo desta jornada, iluminando meu caminho em cada desafio enfrentado.

Santa Luzia e Maria, mulheres de luz e força, guias da fé. Agradeço por iluminarem meu caminho, fortalecendo minha jornada com sabedoria e proteção.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ilisandra Zanandrea, expresso minha profunda gratidão pela paciência, incentivo e dedicação. Seu apoio foi essencial para que este trabalho tomasse forma e alcançasse seus objetivos. Seu amor pelas plantas e pela ciência é uma inspiração, não apenas para mim, mas para todos que têm o privilégio de aprender com você. Obrigada por compartilhar sua sabedoria e por ser um exemplo de dedicação e amor pelo que faz.

À todos do Laboratório LFAV, em especial a Prof^a. Dr^a. Alana Aguiar e Davi Fernandes, meu sincero agradecimento pelo apoio, pelos ensinamentos compartilhados e pelo ambiente acolhedor que tanto contribuiu para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha família, especialmente aos meus pais, Sebastião e Jacqueline, por me proporcionarem o suporte necessário para seguir em frente, seja por meio da estabilidade financeira ou do amparo de um lar acolhedor. Espero um dia retribuir todo o amor e dedicação que sempre me ofereceram e ouvir de vocês que sou motivo de orgulho. Obrigada por me incentivarem a estudar e a perseguir meus sonhos. À minha irmã, Bárbara, que sempre demonstrou interesse pela minha trajetória acadêmica, perguntando, ouvindo e celebrando cada conquista comigo.

Às minhas queridas amigas de curso, Nayara, Pollyana, Lorena e Kelly, por compartilharem comigo cada etapa desta caminhada, dividindo risos, desafios e conquistas. Sua amizade e companheirismo foram fundamentais para que este percurso se tornasse mais leve e significativo. Sou imensamente grata por cada conselhos e apoio.

Aos moradores do bairro Aeroporto, em São Bento, que abriram suas portas e compartilharam seus saberes com generosidade e confiança, enriquecendo este estudo com suas experiências e tornando-o verdadeiramente possível.

Aos meus fiéis companheiros de quatro patas, Prupru, Ella e Lua, que, com suas travessuras e ronronadas, tornaram meus dias mais leves e me lembraram, nos momentos mais difíceis, que o carinho mais puro e sincero se manifesta nos pequenos gestos.

À minha amada Camila, minha base emocional, que esteve ao meu lado em cada escolha, celebrou comigo cada vitória e, acima de tudo, sempre acreditou em mim. Que este trabalho seja apenas um dos muitos capítulos que ainda escreveremos juntas. Seu amor, sua paciência, apoio e dedicação tornaram cada desafio mais leve. Obrigada por ser meu porto seguro em todos os momentos.

*“Aqui, no entanto nós não olhamos para trás
por muito tempo, nós continuamos seguindo
em frente, abrindo novas portas e fazendo
coisas novas, porque somos curiosos...e a
curiosidade continua nos conduzindo por
novos caminhos. Siga em frente.”*

Walt Disney

RESUMO

No Brasil, a utilização de plantas medicinais remonta aos primeiros habitantes, constituindo uma prática disseminada devido à vasta biodiversidade vegetal presente no país. A base do conhecimento popular sobre o uso dessas plantas é enraizada na diversidade cultural, enriquecida por tradições que se entrelaçam com o estilo de vida, das experiências desse povo. O conhecimento tradicional é uma fonte para pesquisas na busca por novos compostos biologicamente ativos e com potencial terapêutica efetiva, com produtos mais naturais que promovam a qualidade de vida e um meio ambiente mais sustentável. As plantas medicinais são uma destas vertentes que estão em ascensão comercial e como um importante objeto de pesquisa. Dessa forma o objetivo deste trabalho foi realizar um estudo etnobotânico para identificar as plantas medicinais utilizadas pela população do bairro do aeroporto, município de São Bento, localizado na baixada maranhense, estado do Maranhão. O estudo incluiu uma revisão abrangente da literatura, abordando a história da etnobotânica, os métodos de coleta de dados etnobotânicos e a relevância desses conhecimentos na preservação da diversidade biológica, para a realização do experimento foi realizado entrevistas para obtenção das informações acerca do conhecimento dos moradores em relação às plantas que utilizam. Ao final da entrevista e na companhia do entrevistado foi realizado a coleta das amostras das plantas medicinais informadas, documentando o conhecimento tradicional associado às plantas medicinais, destacando a interação entre a comunidade local e a biodiversidade botânica. As plantas indicadas foram coletadas, identificadas e incorporadas ao Herbário do Maranhão (MAR) do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão. Os resultados desta pesquisa forneceram uma visão abrangente sobre a etnobotânica de plantas medicinais, evidenciando sua importância na preservação da biodiversidade, no resgate de práticas culturais tradicionais e no desenvolvimento de abordagens integrativas na promoção da saúde. A interação entre os conhecimentos tradicionais e científicos foi destacada como essencial para o bem-estar humano e a conservação ambiental, fortalecendo o diálogo entre esses saberes. Além disso, foi possível identificar a relevância das plantas medicinais no cotidiano da comunidade estudada, demonstrando a importância de preservar esses conhecimentos para gerações futuras.

Palavras-Chave: etnobotânica; biodiversidade; conhecimento tradicional; baixada maranhense.

ABSTRACT

In Brazil, the use of medicinal plants dates back to the first inhabitants, constituting a widespread practice due to the vast plant biodiversity present in the country. The basis of popular knowledge about the use of these plants is rooted in cultural diversity, enriched by traditions that are intertwined with the lifestyle and experiences of these people. Traditional knowledge is a source for research in the search for new biologically active compounds with effective therapeutic potential, with more natural products that promote quality of life and a more sustainable environment. Medicinal plants are one of these areas that are on the rise commercially and as an important object of research. Thus, the objective of this work was to conduct an ethnobotanical study to identify the medicinal plants used by the population of the airport neighborhood, municipality of São Bento, located in the Maranhão lowlands, state of Maranhão. The study included a comprehensive literature review, addressing the history of ethnobotany, the methods of collecting ethnobotanical data and the relevance of this knowledge in the preservation of biological diversity. To conduct the experiment, interviews were conducted to obtain information about the residents' knowledge regarding the plants they use. At the end of the interview and in the company of the interviewee, samples of the medicinal plants reported were collected, documenting the traditional knowledge associated with medicinal plants, highlighting the interaction between the local community and botanical biodiversity. The indicated plants were collected, identified and incorporated into the Maranhão Herbarium (MAR) of the Biology Department of the Federal University of Maranhão. The results of this research provided a comprehensive view of the ethnobotany of medicinal plants, evidencing its importance in the preservation of biodiversity, in the rescue of traditional cultural practices and in the development of integrative approaches in health promotion. The interaction between traditional and scientific knowledge was highlighted as essential for human well-being and environmental conservation, strengthening the dialogue between these knowledges. Furthermore, it was possible to identify the relevance of medicinal plants in the daily life of the studied community, demonstrating the importance of preserving this knowledge for future generations and for local sustainability.

Keywords: Ethnobotany; biodiversity; traditional knowledge; Maranhão lowlands.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Local de coleta do estudo. Fonte: A autora.....	26
Figura 2 - Sexo dos entrevistados do bairro Aeroporto São Bento, MA.....	29
Figura 3 - Idade dos entrevistados do bairro Aeroporto São Bento, MA.....	30
Figura 4 - Frequência de utilização de plantas medicinais por moradores do Bairro Aeroporto em São Bento, MA.....	31
Figura 5 - Benefícios da utilização de plantas medicinais por moradores do Bairro Aeroporto em São Bento, MA.....	33
Figura 6 - Tempo para fazer efeito da utilização de plantas medicinais por moradores do Bairro Aeroporto em São Bento, MA.....	34
Figura 7 - Locais de aquisição de plantas medicinais por moradores do Bairro Aeroporto em São Bento, MA.....	35
Figura 8 - Amostras de plantas medicinais cultivadas por moradores do Bairro Aeroporto em São Bento, MA.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais plantas medicinais citadas pelos moradores entrevistados no bairro do Aeroporto em São Bento, Maranhão, Brasil – 2024.....	37
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 Etnobotânica	17
2.2 Potencial terapêutico das plantas medicinais	19
2.3 Legislação e políticas de proteção	22
3. OBJETIVOS.....	23
3.1 Objetivo Geral	25
3.2 Objetivos Específicos	25
4. METODOLOGIA.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICES	54
Apêndice A - Questionário semiestruturado utilizado para realização das entrevistas.	54

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o uso de plantas medicinais no tratamento de doenças remonta a tempos pré-coloniais e reflete a interseção entre diferentes matrizes culturais: indígena, africana e europeia. Segundo Teixeira (2024) os povos originários já possuíam um vasto conhecimento sobre a flora medicinal nativa, utilizando-a para tratar enfermidades, aliviar sintomas e fortalecer o organismo. Com a chegada dos colonizadores europeus e dos povos africanos escravizados, houve uma fusão de saberes, resultando em um sistema de cura dinâmico, que persiste até os dias atuais (Beltreschi, 2019). Esse conhecimento, historicamente transmitido de geração em geração, tem sido fundamental para a saúde das populações tradicionais e de comunidades que enfrentam dificuldades de acesso à medicina convencional (Szerwieski *et al.*, 2017).

A medicina popular, alicerçada na fitoterapia, desempenha um papel crucial na assistência à saúde de muitos brasileiros, especialmente em regiões rurais ou periféricas, onde os recursos médicos são escassos (Neto *et al.*, 2024). Para muitas comunidades, as plantas medicinais representam a principal — e, em alguns casos, a única — alternativa terapêutica acessível (Wanderley *et al.*, 2015). Essa dependência se deve não apenas a fatores econômicos, mas também a uma relação de confiança e tradição que as populações estabelecem com esses métodos terapêuticos, transmitidos de forma oral e por meio da observação prática.

De acordo com Matos (2021), grande parte do conhecimento atual sobre plantas medicinais, que hoje é validado por pesquisas científicas, tem suas raízes no saber popular. O empirismo das comunidades tradicionais, testado ao longo de séculos, serviu de base para inúmeros estudos que buscam compreender as propriedades químicas e terapêuticas das espécies vegetais (Fiebig & Pasa, 2024). O conhecimento popular tem contribuído para o desenvolvimento da ciência, que busca compreender fenômenos essenciais para a vida humana. Para que o saber científico continue avançando, é indispensável reconhecer e valorizar os saberes tradicionais, que, por sua vez, também podem se beneficiar das descobertas científicas (Penha, 2021).

A relação entre os saberes tradicionais e a ciência moderna insere-se no campo da etnobotânica, disciplina que investiga as interações entre as sociedades humanas e o mundo vegetal (Ferreira *et al.*, 2017). No entanto, a modernização das sociedades e os processos de urbanização ameaçam a continuidade dessas práticas, tornando essencial o registro e a valorização do conhecimento tradicional para evitar sua perda definitiva (Cajaiba *et al.*, 2016).

A industrialização da medicina ao longo do século XX resultou em uma redução significativa no uso das plantas medicinais, uma vez que os fármacos sintéticos passaram a dominar o mercado e a assistência à saúde (Marques *et al.*, 2016). No entanto, a partir das últimas décadas, observa-se um movimento de resgate dessas práticas, impulsionado pelo reconhecimento das limitações dos medicamentos convencionais e dos seus possíveis efeitos adversos (Rocha *et al.*, 2021). Além disso, a crescente valorização de terapias naturais e abordagens holísticas de saúde tem incentivado estudos científicos sobre a eficácia de plantas tradicionalmente utilizadas na medicina popular (Rocha; Boscolo; Fernandes, 2015).

Muitos princípios ativos de fármacos amplamente utilizados hoje foram originalmente descobertos por meio do estudo de plantas medicinais, demonstrando a importância de integrar esses saberes em um contexto interdisciplinar (Braga & Silva, 2021). A valorização do conhecimento tradicional não apenas contribui para o avanço da ciência, mas também fortalece a identidade cultural das comunidades que preservam essas práticas. Como destacado por Stefanello *et al.* (2018), as plantas medicinais não são apenas recursos terapêuticos; elas carregam consigo narrativas históricas, saberes ancestrais e vínculos profundos com a cultura de um povo.

Nesse contexto cultural e histórico destaca-se a comunidade de São Bento, no Maranhão, preserva um rico repertório de conhecimentos tradicionais, especialmente no uso de plantas medicinais para tratar enfermidades e promover o bem-estar (Modro *et al.*, 2015). No bairro Aeroporto, a medicina tradicional é forte, refletindo a herança cultural local e sua relação com a biodiversidade. Além disso, a cidade conta com 17 estabelecimentos públicos de saúde (Censo 2009), evidenciando a coexistência entre saberes populares e a medicina convencional.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo realizar um levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela população do bairro Aeroporto, no município de São Bento, localizado na Baixada Maranhense. Para isso, a pesquisa buscará investigar a forma de utilização dessas espécies na medicina popular, por meio de entrevistas semiestruturadas com os moradores locais. Além disso, será realizada a coleta de amostras das plantas mencionadas, seguida da identificação botânica das espécies, permitindo um registro detalhado do conhecimento tradicional presente na comunidade. Com base nos dados obtidos, espera-se contribuir para a valorização do saber popular e fornecer subsídios que possam fundamentar pesquisas futuras sobre o uso de plantas medicinais no estado do Maranhão, fortalecendo o diálogo entre o conhecimento tradicional e a ciência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo da etnobotânica tem se consolidado como uma importante área de investigação científica, especialmente no que tange à valorização e preservação dos saberes tradicionais sobre o uso das plantas (Batista & Oliveira, 2014). Esse campo do conhecimento não apenas resgata informações ancestrais sobre a relação entre as comunidades humanas e o ambiente vegetal, mas também contribui para o desenvolvimento de abordagens sustentáveis de exploração dos recursos naturais (IPCC, 2022). Ao longo da história, as interações entre diferentes sociedades e a flora local moldaram práticas terapêuticas, rituais simbólicos e estratégias de manejo ambiental, configurando um patrimônio imaterial de inestimável valor cultural e científico com base no Decreto 3.551/2000 (Brasil, 2000).

No Brasil, a etnobotânica tem desempenhado um papel essencial na compreensão das práticas populares associadas ao uso das plantas medicinais, especialmente em comunidades tradicionais, como indígenas, quilombolas e ribeirinhos (Rodrigues, 2024). Essas populações detêm um conhecimento vasto e detalhado sobre as propriedades terapêuticas de diversas espécies vegetais, transmitindo esses saberes ao longo das gerações. Alves (2016), traz a reflexão de que a crescente modernização, a globalização e a expansão da medicina convencional colocam em risco essa herança cultural, tornando fundamental a realização de estudos que documentem e validem cientificamente esses conhecimentos.

No Maranhão, as pesquisas etnobotânicas ainda são incipientes e, quando realizadas, concentram-se majoritariamente nos conhecimentos de comunidades indígenas. Como observado por Reis (2020) sobre a baixa quantidade de estudos sobre outras populações tradicionais, como aquelas localizadas na Baixada Maranhense, evidenciando a necessidade de ampliar investigações que abordem a utilização das plantas medicinais nesses contextos. O conhecimento acumulado por essas comunidades não apenas reflete uma adaptação ao ambiente e aos recursos disponíveis, mas também se entrelaça com suas crenças, práticas religiosas e organização social, evidenciando a complexa relação entre seres humanos e natureza (Rodrigues, 2007).

Diante disso, este capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos que embasam a pesquisa etnobotânica, destacando sua relevância na preservação do conhecimento tradicional e sua interseção com o avanço científico. Serão abordados conceitos-chave sobre a etnobotânica, seu papel na valorização do conhecimento popular, as potencialidades terapêuticas das plantas medicinais e as políticas públicas voltadas para a regulamentação e proteção desses saberes. Dessa forma, pretende-se contextualizar a importância do estudo

etnobotânico na região de São Bento, Maranhão, e sua contribuição para a promoção do uso sustentável das plantas medicinais, fortalecendo tanto a ciência quanto a cultura local.

2.1 Etnobotânica

A etnobotânica é um campo interdisciplinar que investiga a relação entre os seres humanos e as plantas, abrangendo aspectos ecológicos, culturais, econômicos e farmacológicos. Nesse contexto, a etnobotânica é a ciência que analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas (Vásquez; Mendonça; Noda, 2014, p. 458). Seu desenvolvimento remonta ao final do século XIX, quando pesquisadores começaram a documentar os usos tradicionais das plantas por diferentes povos, enfatizando a importância desse conhecimento para a ciência moderna (Albuquerque, 2005). Cavalcante e Scudeller (2022) asseveram que a prática de utilizar plantas medicinais no Brasil, como forma de tratamento, foi moldada pela influência das culturas indígena, africana e europeia, introduzida durante a colonização. Desde então, essa disciplina tem se consolidado como uma ferramenta essencial para a compreensão dos sistemas tradicionais de conhecimento, os quais desempenham um papel crucial na conservação da biodiversidade e no desenvolvimento de novos produtos terapêuticos, alimentares e industriais.

Ao longo da história, as sociedades humanas desenvolveram um vasto repertório de práticas relacionadas às plantas, atribuindo-lhes significados que transcendem o uso prático e adentram esferas simbólicas e espirituais. O conhecimento botânico tradicional não apenas envolve a identificação e o uso de espécies vegetais para fins medicinais, alimentares e rituais, mas também reflete a cosmovisão e os valores culturais das comunidades que o detêm. As práticas etnobotânicas frequentemente associam elementos naturais e sobrenaturais, criando uma inter-relação entre plantas, mitos, divindades e ritos, na qual a natureza é percebida como um componente fundamental da identidade cultural dos povos (*Ibid*, p. 7). Nesse interim, Franco, Lamano-Ferreira e Ferreira (2018, p.18) dizem que:

Uma importante subárea da botânica, a etnobotânica, tem ganhado destaque na área científica devido à grande conexão que se estabelece entre conhecimento popular e ciência propriamente dita. A etnobotânica é uma ferramenta relativamente barata de pesquisa que favorece a relação do homem com a vasta diversidade vegetal, que por sua vez, contribui de forma significativa nas enfermidades humanas, nos rituais religiosos e até mesmo em padrões de alimentação.

No Brasil, país que abriga uma das maiores diversidades biológicas do mundo, a etnobotânica tem se mostrado uma área de estudo promissora, especialmente no que se refere à

valorização e à sistematização dos saberes indígenas, quilombolas e ribeirinhos. Essas comunidades detêm conhecimentos que vêm sendo transmitidos ao longo de gerações e que representam um patrimônio imaterial de grande relevância para a pesquisa científica e a formulação de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade (Sales *et al.*, 2015). Contudo, apesar da riqueza etnobotânica do país, a modernização e a perda progressiva de habitats naturais ameaçam a continuidade desses saberes, tornando premente a necessidade de estudos que registrem e analisem as interações entre os povos e a flora.

No contexto do estado do Maranhão, a etnobotânica ainda é um campo em desenvolvimento, com a maioria dos estudos concentrando-se nas práticas das comunidades indígenas, como os Guajajara, os Canela e os Krikati. Monteles e Pinheiro (2007) alegam que no estado, pesquisas na área da etnobotânica ainda se mostram principiantes, e carecem de mais notoriedade, uma vez que se dedicam, em maior parte, aos estudos dos saberes das comunidades indígenas.

Essas comunidades possuem uma relação simbiótica com o ambiente natural, na qual as plantas desempenham papéis multifuncionais, indo além da medicina tradicional e abrangendo usos rituais, alimentares e artesanais (Rocha; Boscolo; Fernandes, 2015). No entanto, outras populações tradicionais do estado, como as comunidades rurais da Baixada Maranhense, ainda carecem de investigações sistemáticas que possam documentar e valorizar seus saberes etnobotânicos.

A pesquisa etnobotânica cumpre um papel fundamental na catalogação e na análise desses conhecimentos, contribuindo para a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável. Ao registrar a forma como diferentes comunidades utilizam as plantas, os estudos etnobotânicos possibilitam a identificação de espécies com potencial farmacológico, além de fornecer subsídios para políticas de manejo sustentável dos recursos naturais. Segundo Sales *et al.* (2015), a valorização do conhecimento tradicional, aliada à pesquisa científica, pode favorecer a criação de estratégias que garantam tanto a preservação das espécies vegetais quanto a segurança cultural e econômica das comunidades que dependem delas. Diante dessas perspectivas, Lucena *et al.*, (2020) afirmam que:

Muito ainda tem para se caminhar, principalmente diante da importância dos estudos etnobotânicos para a compreensão da relação das populações humanas com os recursos naturais, contribuindo fortemente para ações voltadas para o manejo e conservação desses recursos, também podendo fornecer importantes informações para ações de políticas públicas voltadas para os povos indígenas e comunidades tradicionais (Lucena *et al.*, 2020, p. 18).

Além disso, a etnobotânica tem sido cada vez mais reconhecida como um elo entre o conhecimento popular e as ciências formais, promovendo um diálogo que permite a integração de diferentes perspectivas sobre o uso das plantas medicinais. Essa abordagem interdisciplinar possibilita a aplicação dos saberes tradicionais no desenvolvimento de novos fármacos, cosméticos e produtos alimentícios, demonstrando que a valorização das práticas ancestrais pode trazer benefícios concretos para a sociedade contemporânea (Cajaiba *et al.*, 2016).

Outro aspecto relevante da etnobotânica é sua contribuição para a Educação Ambiental e para o fortalecimento das identidades culturais locais. Para Costa e Pereira (2016), essa ciência viabiliza a implementação da Educação Ambiental no contexto escolar, abrangendo alunos e suas famílias, incorporando os saberes locais e enriquecendo o ensino de Ciências e Biologia. Em muitas comunidades, o conhecimento sobre as plantas não é apenas uma questão de sobrevivência, mas também um elemento central na construção de narrativas históricas e na manutenção da coesão social. Hanazaki *et al.* (2012) afirmam que a investigação e o reconhecimento dos saberes tradicionais sobre recursos vegetais, colaboram para o êxito das unidades de conservação de uso sustentável, ao envolver as comunidades locais para o manejo e tomada de decisões relacionadas à conservação. A transmissão intergeracional dos saberes etnobotânicos desempenha um papel crucial na preservação das culturas tradicionais, garantindo que o conhecimento acumulado ao longo dos séculos continue a beneficiar tanto as gerações futuras quanto a ciência.

Diante desse panorama, fica evidente que os estudos etnobotânicos possuem implicações que vão além do campo acadêmico, influenciando áreas como a saúde pública, a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. No Maranhão, a expansão dessas pesquisas é essencial para a valorização das práticas tradicionais e para o reconhecimento do papel que as comunidades locais desempenham na preservação da biodiversidade. Assim, a etnobotânica não apenas fortalece os laços entre conhecimento científico e saberes populares, mas também abre caminhos para uma exploração mais consciente e responsável dos recursos naturais.

2.2 Potencial terapêutico das plantas medicinais

A flora brasileira é reconhecida como uma das mais ricas fontes de material com potencial bioativo (Brandão; Gomes; Nascimento, 2006). Esse imenso patrimônio natural contribui significativamente para o avanço da fitoterapia e da farmacognosia, áreas que

investigam as propriedades medicinais de plantas e sua aplicação terapêutica. Segundo Martinelli, Pancieri e Sacramento (2025), as plantas medicinais:

De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), para que uma planta tenha potencial terapêutico e seja considerada medicinal, é necessário que ela contenha substâncias ou classes de substâncias responsáveis pela ação terapêutica, podendo estar presentes em toda a planta ou em partes dela. (Martinelli; Pancieri; Sacramento, 2025, p.2).

Além da crescente validação científica da eficácia terapêutica de diversas plantas utilizadas tradicionalmente, a fitoterapia integra-se à cultura e à identidade de diversos povos, sendo transmitida e difundida ao longo de gerações (Borges; Sales, 2018). Essa interação entre saberes tradicionais e avanços científicos reforça a importância da preservação ambiental e do reconhecimento das práticas etnobotânicas.

No Brasil, tribos indígenas e comunidades tradicionais exercem papel fundamental na manutenção e transmissão desses conhecimentos. As mulheres, em particular, desempenham um papel central na extração artesanal dos princípios ativos das plantas para utilização na cura de doenças, refletindo um saber empírico que remonta a séculos de experimentação e observação (Sales; Sartor; Gentili, 2015). Essa riqueza biológica assume uma relevância ainda maior por estar associada a uma sociodiversidade que engloba diferentes povos e comunidades, cada qual com suas próprias visões, conhecimentos e práticas culturais.

No contexto do uso terapêutico das plantas, esses conhecimentos estão intimamente ligados aos territórios e recursos naturais, sendo parte integrante da reprodução sociocultural e econômica desses grupos (Brasil, 2016). Entretanto, a desvalorização dos saberes populares, especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX, levou a um predomínio da medicina convencional e da indústria farmacêutica. De acordo com Silva e Araujo (2023), a utilização das plantas:

O uso de plantas medicinais remonta os primórdios da civilização humana, atingindo seu auge em meados do século XX. A utilização de seus princípios ativos na medicina é considerada um marco na farmacoterapia, possuindo muita importância no contexto atual de tratamentos médicos (Silva; Araujo, 2023, p. 22-23).

No entanto, nas últimas décadas, observa-se um movimento inverso, impulsionado por preocupações com efeitos colaterais, custos elevados e dificuldades de acesso a serviços de saúde, resultando na valorização renovada do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais (Alves, 2016). A Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu, em 1978, as plantas medicinais como aquelas que possuem em uma ou mais de suas partes princípios ativos

passíveis de utilização terapêutica ou como precursores de síntese químico-farmacêutica (WHO, 1999). Segundo Fonseca (2023), A OMS reconhece as plantas medicinais como um recurso necessário para a assistência farmacêutica, e suas diretrizes ressaltam a precisão de valorizar seu uso no âmbito da saúde. Essas plantas podem ser classificadas conforme suas propriedades farmacológicas, atuando como estimulantes, calmantes, anti-inflamatórias, antimicrobianas, entre outras funções. Dependendo da necessidade terapêutica, diferentes partes das plantas, como folhas, cascas, raízes, seivas, flores, frutos e sementes, são utilizadas na preparação de chás, banhos, xaropes, compressas, pomadas, tinturas, óleos, inalações e bochechos (Brasil, 2021).

Apesar da ampla utilização das plantas medicinais por comunidades tradicionais e populações rurais, muitas delas ainda carecem de comprovação científica sobre sua eficácia e segurança (Silva et al., 2015). A investigação dos constituintes presentes nos extratos botânicos é essencial para embasar a pesquisa científica, especialmente no que diz respeito aos metabólitos secundários, frequentemente responsáveis pelas propriedades biológicas dos extratos vegetais (Sonaglio et al., 2003). O sucesso da abordagem terapêutica está diretamente relacionado à metodologia de extração dos metabólitos, que depende do tipo de solvente empregado, do processo técnico adotado e da parte da planta utilizada (Ncube; Afolayan; Okoh, 2008). Estudos recentes têm buscado otimizar essas técnicas para maximizar a obtenção de compostos ativos, garantindo maior eficácia e segurança para a aplicação terapêutica.

Atualmente, há uma crescente incorporação das plantas medicinais em políticas públicas de saúde. No Brasil, o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) busca garantir o acesso seguro e o uso racional desses produtos, promovendo sua utilização na Atenção Primária à Saúde e incentivando a pesquisa e desenvolvimento de novos medicamentos fitoterápicos (Brasil, 2019). No ano de 2006, através do Decreto da Presidência da República nº. 5.813, de 22 de junho, foi criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Figueredo; Gurgel; Gurgel Junior, 2014, p. 382).

A Fitoterapia é uma prática médica integrativa implementada no Sistema Único de Saúde (SUS) de vários municípios brasileiros, possivelmente devido, ao estímulo de políticas públicas criadas nesta área na última década (Góis *et al.*, 2016, p.2). Ademais, a valorização e regulamentação do uso de plantas medicinais têm contribuído para a geração de renda em comunidades extrativistas, promovendo a sustentabilidade econômica e ecológica. Diante desse cenário, é fundamental estabelecer diretrizes claras para a regulamentação do uso de plantas medicinais, garantindo não apenas a segurança da população, mas também o reconhecimento

do saber tradicional e a valorização da biodiversidade brasileira. Diante desse cenário, Figueredo, Gurgel e Gurgel Junior dissertam que:

A implementação da Fitoterapia no SUS representa, além da incorporação de mais uma terapêutica ao arsenal de possibilidades de tratamento à disposição dos profissionais de saúde, o resgate de uma prática milenar, onde se imbricam o conhecimento científico e o conhecimento popular e seus diferentes entendimentos sobre o adoecimento e as formas de tratá-lo. Pelo fato de o uso da Fitoterapia se embasar nesses dois tipos de conhecimento, aparentemente divergentes, resultam entendimentos diferentes sobre seu uso (Figueredo; Gurgel; Gurgel Junior, 2014, p. 382).

O desenvolvimento de pesquisas interdisciplinares, aliando etnobotânica, farmacologia e biotecnologia, representa um caminho promissor para a ampliação do uso terapêutico das plantas medicinais de forma segura e cientificamente embasada. Além disso, a integração entre academia, setor público e comunidades tradicionais pode consolidar estratégias sustentáveis para o uso dessas plantas, preservando o conhecimento ancestral e fomentando a inovação na saúde pública.

2.3 Legislação e políticas de proteção

No que se refere a Legislação, Gonçalves *et al.* (2020) dizem que:

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) promoveram, em 12 de setembro de 1978, a Conferência Internacional sobre a Atenção Primária em Saúde em Alma-Ata, no Cazaquistão. Este evento foi organizado no sentido de alertar para a necessidade de ação urgente dos governos, profissionais da saúde e desenvolvimento, bem como da comunidade mundial para proteger e promover a saúde de todos povos do mundo. Um dos principais resultados deste evento foi criação do Programa de Medicina Tradicional da OMS, com a recomendação aos Estados Membros de proceder à formulação de políticas públicas e regulamentações nacionais para facilitar a integração da medicina tradicional e da medicina complementar alternativa (MT/MCA) nos sistemas nacionais de atenção à saúde, assim como promover o uso racional dessa integração (Gonçalves *et al.*, 2020, p. 598).

O Brasil destaca-se como o país detentor da maior biodiversidade do planeta, incluindo uma vasta variedade de plantas medicinais que servem como matéria-prima para a produção de fitoterápicos e outros medicamentos. O estímulo à pesquisa, ao desenvolvimento tecnológico e à inovação, alinhados às demandas epidemiológicas da população, constitui uma estratégia crucial da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Brasil, 2009). Essa política busca integrar saberes tradicionais e científicos, promovendo uma abordagem que equilibra conservação ambiental, segurança sanitária e acesso universal aos fitoterápicos.

Ao longo dos anos, o desenvolvimento da Medicina Tradicional acarretou a perda de importantes conhecimentos sobre as propriedades e usos das plantas medicinais para a saúde. Essa lacuna gerou um distanciamento entre as práticas ancestrais e os métodos modernos de assistência à saúde. Recentemente, tem havido um interesse renovado em resgatar esse conhecimento empírico, transformando-o em conhecimento científico através da implementação de políticas públicas e incentivo à pesquisa, visando garantir o acesso generalizado às plantas medicinais e fitoterápicas para toda a população brasileira (Cunha, 2003). Esse esforço inclui a regulamentação da cadeia produtiva de fitoterápicos, abrangendo desde o cultivo e coleta sustentável de plantas até a produção industrial e a comercialização, dentro dos padrões de qualidade exigidos pela legislação sanitária vigente.

Nos últimos dez anos, as políticas públicas relacionadas às plantas medicinais e fitoterápicas avançaram consideravelmente, especialmente após a publicação da Portaria 971 (em 03 de maio de 2006) e do Decreto 5.813 (em 22 de junho de 2006), que tratam da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicas (Brasil, 2006). Essas normativas consolidaram a inserção da fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS), promovendo a oferta de fitoterápicos na atenção básica e ampliando o acesso da população a alternativas terapêuticas seguras e eficazes.

Além das diretrizes nacionais, a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), assinada pelo Brasil em 1992, reforçou o compromisso do país com a proteção do conhecimento tradicional e a repartição justa e equitativa dos benefícios advindos da utilização dos recursos genéticos. Em 2015, a Lei nº 13.123 estabeleceu um marco regulatório para o acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais associados, determinando mecanismos de registro e reconhecimento dos povos tradicionais detentores desses saberes, assegurando direitos sobre a exploração comercial de produtos desenvolvidos a partir desses conhecimentos (Moreira; Conde, 2017).

Todas essas iniciativas visam garantir e promover o uso racional das plantas medicinais e fitoterápicos, com foco na atenção primária à saúde, fortalecendo a biodiversidade brasileira, protegendo os conhecimentos tradicionais e populares, e incentivando a pesquisa e o desenvolvimento da cadeia produtiva de fitoterápicos (Borges; Sales, 2018). O impacto positivo dessas medidas também pode ser observado na geração de empregos e na promoção de atividades econômicas sustentáveis, especialmente em comunidades que dependem do extrativismo e da produção de plantas medicinais.

Entretanto, apesar do papel essencial das políticas públicas em garantir o acesso e o uso adequado das plantas medicinais, bem como em estimular aspectos sociais e econômicos do setor, é necessária a implementação de ações mais efetivas para melhorar a qualidade de vida de várias pessoas que dependem da assistência primária à saúde. Para Borges e Sales (2018), as políticas públicas para plantas medicinais e fitoterápicas, criadas pelo governo, buscam impulsionar o desenvolvimento do setor, fomentando a parceria entre instituições governamentais e não governamentais em toda a cadeia produtiva e no uso desses recursos. Especialmente em regiões onde o acesso ao sistema de saúde é precário, como comunidades rurais, assentamentos e grupos tradicionais, como indígenas e quilombolas, é crucial pensar em estratégias que valorizem os saberes locais, capacitando essas comunidades para o uso adequado das plantas medicinais às quais têm acesso (Penha, 2021).

Por fim, a consolidação de um modelo de política pública eficiente e sustentável depende do fortalecimento de incentivos à pesquisa, da formação de parcerias público-privadas e da promoção de programas de educação em saúde que disseminem boas práticas no uso de plantas medicinais. Ademais, é essencial garantir mecanismos eficazes de fiscalização e monitoramento para evitar a exploração indevida de recursos naturais e do conhecimento tradicional. Dessa forma, o Brasil pode continuar avançando na implementação de políticas que conciliem desenvolvimento tecnológico, proteção da biodiversidade e bem-estar social.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo etnobotânico para identificar as plantas medicinais utilizadas pela população do bairro do aeroporto, município de São Bento, localizado na baixada maranhense, estado do Maranhão.

3.2 Objetivos Específicos

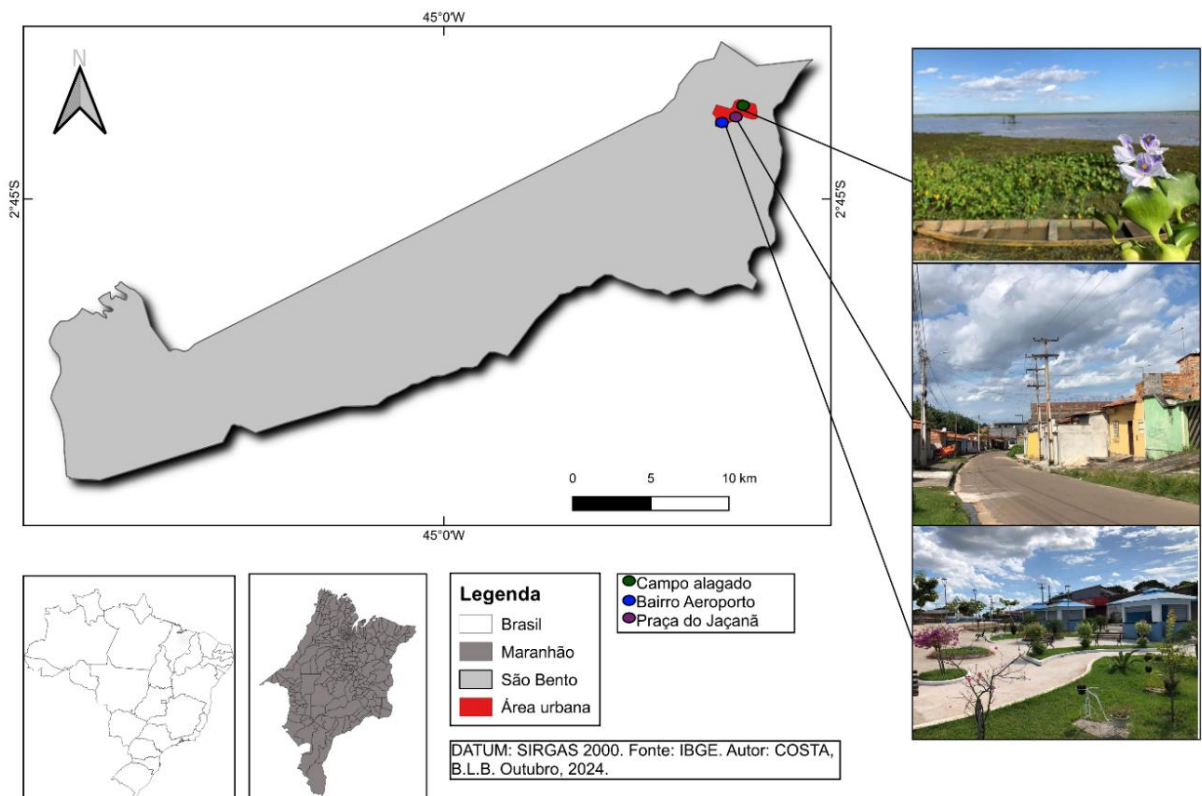
- Investigar a forma de utilização das espécies vegetais usadas na medicina popular pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento MA, através de entrevistas com utilização de questionários;
- Coletar amostras das plantas utilizadas pelos moradores locais;
- Identificar botanicamente as espécies vegetais a partir do material coletado;
- Obter dados que possam fundamentar pesquisas futuras sobre plantas medicinais usadas no Maranhão.

4. METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e descritiva, com o intuito de compreender o conhecimento tradicional dos moradores da região da Baixada Maranhense, especificamente no bairro Aeroporto, no município de São Bento (MA), acerca do uso de plantas medicinais. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, coleta de amostras botânicas e análise sistemática dos dados obtidos. O delineamento metodológico foi estruturado em quatro etapas principais: a definição da área de estudo e caracterização da população participante; a realização das entrevistas com moradores selecionados; a análise dos dados coletados a partir dos relatos e registros obtidos; e a identificação botânica das espécies mencionadas.

O estudo foi conduzido na região da Baixada Maranhense, especificamente no bairro Aeroporto, situado no município de São Bento, Maranhão. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Brasil, 2024), São Bento localiza-se a uma latitude 02°41'45" sul e a uma longitude 44°49'17" oeste, possui uma população de 46.397 habitantes, conforme o Censo Demográfico de 2022 (Figura 1). A escolha dessa localidade deve-se à sua riqueza em biodiversidade e à forte tradição no uso de plantas medicinais pela população.

Figura 1 - Local de coleta do estudo



Fonte: A autora

As entrevistas foram conduzidas no período de julho a novembro de 2024, com aplicação de um questionário, permitindo a coleta de dados sobre os nomes populares das espécies utilizadas, suas indicações terapêuticas e formas de preparo. A seleção dos participantes seguiu critérios de acessibilidade e disponibilidade, garantindo a participação de indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos. Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo, seguindo a adaptação dos parâmetros de Bardin (2016), permitindo a categorização das informações coletadas. O uso do software Microsoft Excel possibilitou a organização e representação gráfica dos dados, favorecendo a interpretação dos resultados.

A coleta de dados sobre o conhecimento dos moradores em relação ao uso de plantas medicinais ocorreu entre julho e novembro de 2024. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a aplicação de um questionário adaptado, baseado em um instrumento previamente validado. As entrevistas foram conduzidas por meio de contato direto individual, método que reduz a possibilidade de não resposta ou de omissão de informações por parte dos entrevistados. Foram realizadas nas residências dos participantes, sendo a seleção baseada na disponibilidade dos moradores. Os critérios de inclusão exigiam que os participantes tivessem idade igual ou superior a 18 anos, totalizando 50 entrevistados. O número de 50 entrevistados foi determinado considerando a saturação teórica, ou seja, o ponto em que as respostas começaram a se repetir, sem a adição de novas informações relevantes ao tema (Fontanella *et al.*, 2011). O roteiro das entrevistas abordava aspectos como o conhecimento dos participantes sobre plantas medicinais, os nomes populares das espécies utilizadas e os locais de obtenção dessas plantas. Todos os indivíduos que concordaram em participar foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), elaborado em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde sobre ética em pesquisas envolvendo seres humanos. Para os participantes analfabetos, o consentimento foi registrado por meio da impressão digital no TCLE, garantindo a adesão voluntária e a ética na condução do estudo. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão, sob o número de registro 85630124.9.0000.5087. Após a finalização das entrevistas, e com a anuência dos participantes, foram obtidas imagens e coletadas amostras das espécies de plantas medicinais mencionadas para posterior identificação.

A análise dos dados coletados seguiu os parâmetros da análise de conteúdo, conforme adaptação da metodologia proposta por Bardin (2016). O processo analítico foi estruturado em três etapas: pré-análise, na qual os dados foram organizados de forma sistemática para definição

das categorias de análise; exploração do material, com a identificação e classificação das informações obtidas nas entrevistas; e tratamento dos resultados, fase em que os dados foram interpretados e apresentados de maneira estruturada (Valle; Ferreira, 2025). Os dados coletados durante as entrevistas foram sistematizados e analisados por meio do método descritivo, utilizando ferramentas computacionais para organização e síntese das informações. O software Microsoft Excel 2016 foi empregado para a construção de tabelas e gráficos, possibilitando uma visualização clara dos padrões e tendências identificadas. Essa abordagem facilitou a interpretação dos resultados, contribuindo para uma análise mais aprofundada sobre o conhecimento dos moradores a respeito das plantas medicinais mencionadas.

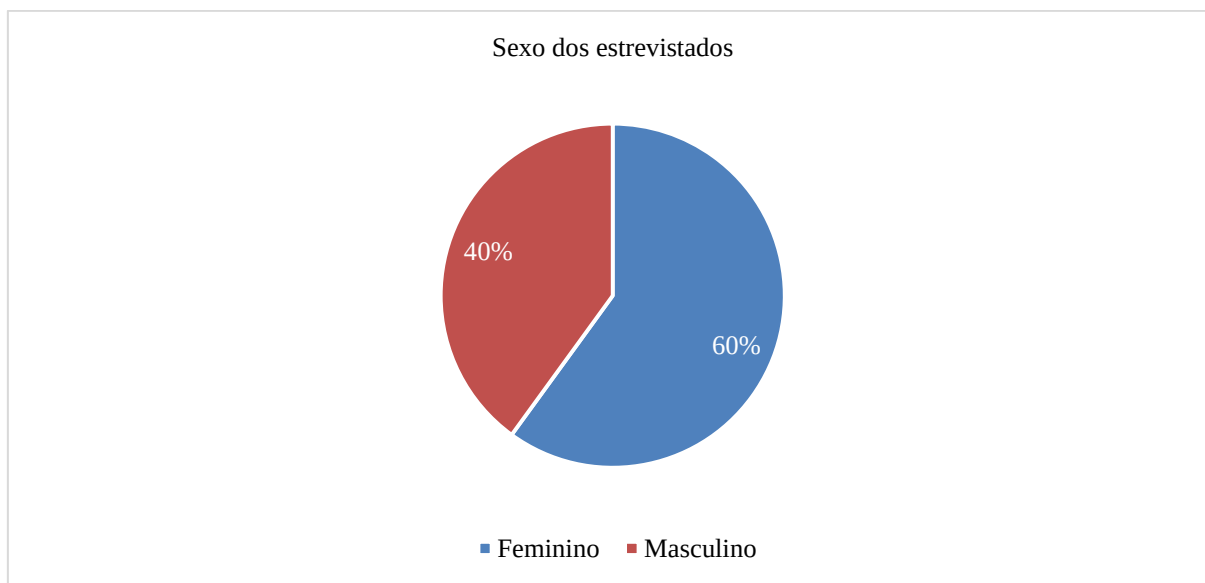
Foram coletadas 13 amostras frescas das plantas mais frequentemente mencionadas durante as entrevistas, identificadas como as de maior uso no tratamento de desconfortos. Para documentação das características morfológicas, foram capturadas imagens dessas espécies, e, em seguida, realizaram-se coletas de exemplares, priorizando amostras com flores e/ou frutos, fundamentais para a identificação taxonômica (Alencar *et al.*, 2019). Cada espécie coletada foi utilizada como material testemunho para herborização. O processo de identificação seguiu os princípios da taxonomia vegetal, considerando caracteres morfológicos florais, comparação com amostras certificadas e consultas à literatura especializada.

As análises foram realizadas a olho nu e com auxílio de uma lupa, além do uso de régua para medições. Os nomes científicos, autorias e origens das espécies foram atualizados conforme a base de dados Re flora: Flora e Funga do Brasil e a Coleção Flora do Brasil 2020 (The Brazil Flora Group, 2021). Após a identificação, as amostras foram prensadas, submetidas ao processo de secagem em estufa e posteriormente armazenadas no Laboratório de Fisiologia e Anatomia Vegetal da Universidade Federal do Maranhão (LAFAV). A classificação das famílias seguiu o sistema proposto pelo Angiosperm Phylogeny Group IV (APG IV). As exsiccatas produzidas foram catalogadas e depositadas no acervo do Herbário do Maranhão (MAR), vinculado ao Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa revelou que o uso de plantas medicinais é amplamente difundido na comunidade estudada, com 100% dos entrevistados afirmando conhecer e utilizar esses recursos naturais para fins terapêuticos. Observou-se que 60% dos participantes eram do sexo feminino, o que reforça a influência das mulheres na preservação e transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais (Figura 2).

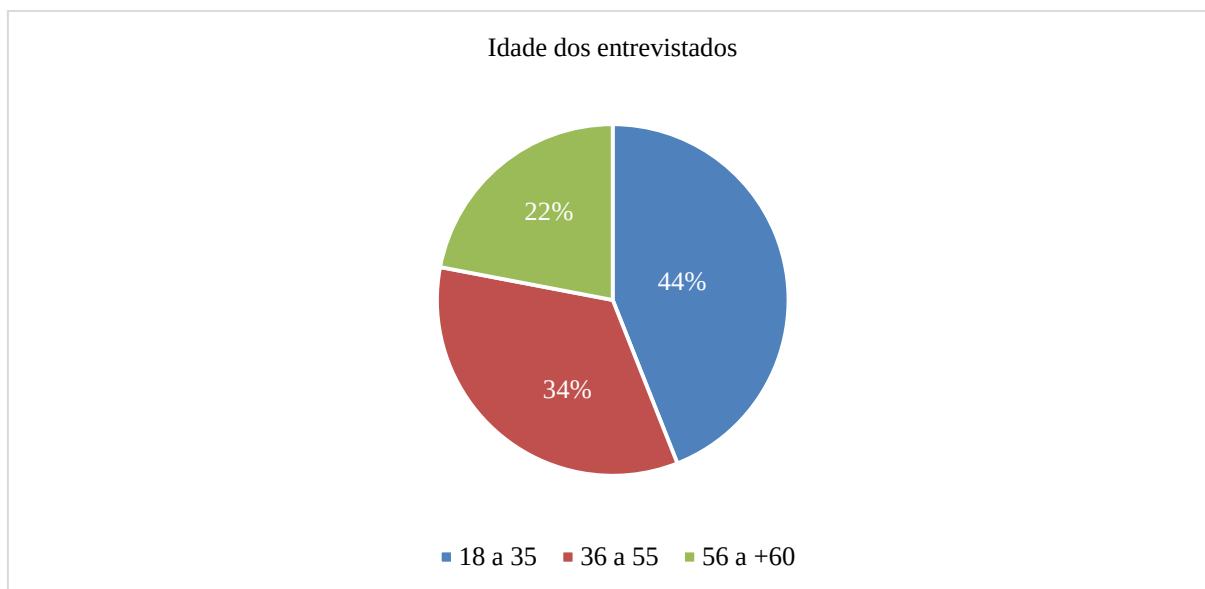
Figura 2 - Sexo dos moradores entrevistados do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



Segundo Xavier e Lima (2020), as mulheres desempenham um papel central na manutenção dos saberes tradicionais, especialmente por estarem diretamente envolvidas nos cuidados familiares e na busca por alternativas naturais para tratar enfermidades. De maneira semelhante, Penha (2021) também observou que ao relatarem a origem de seus conhecimentos, frequentemente mencionam mães e avós como principais referências. Esse fator evidencia a importância do conhecimento empírico transmitido entre gerações, contribuindo para a perpetuação do uso das plantas medicinais na comunidade.

A idade dos participantes variou entre 18 e mais de 60 anos, sendo a maioria pertencente à faixa etária de 18 a 35 anos (Figura 3). Em comunidades indígenas e tradicionais, é comum que indivíduos mais velhos detenham um conhecimento aprofundado sobre o uso de plantas medicinais, empregando-as no tratamento de diversas enfermidades (Felix *et al.*, 2019). Resultados semelhantes foram observados em estudos anteriores, que destacam a relação entre a idade avançada e o maior acúmulo de saberes tradicionais sobre plantas medicinais (Conde, 2017; Cajaiba, 2016; Simão, 2019; Matos, 2021; Dal'lin, 2024).

Figura 3 - Idade dos moradores entrevistados do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



No entanto, os resultados deste estudo indicam que o uso de plantas medicinais continua sendo uma prática disseminada entre diferentes faixas etárias, incluindo um número significativo de jovens (Leite *et al*, 2020). Esse achado sugere a continuidade e a valorização do conhecimento tradicional dentro da comunidade, demonstrando que a transmissão intergeracional do saber etnobotânico permanece ativa. Esse aspecto corrobora as observações de Neris (2024), que aponta que, apesar da influência crescente da medicina moderna, o conhecimento sobre plantas medicinais ainda é repassado oralmente entre gerações e incorporado às práticas cotidianas da população.

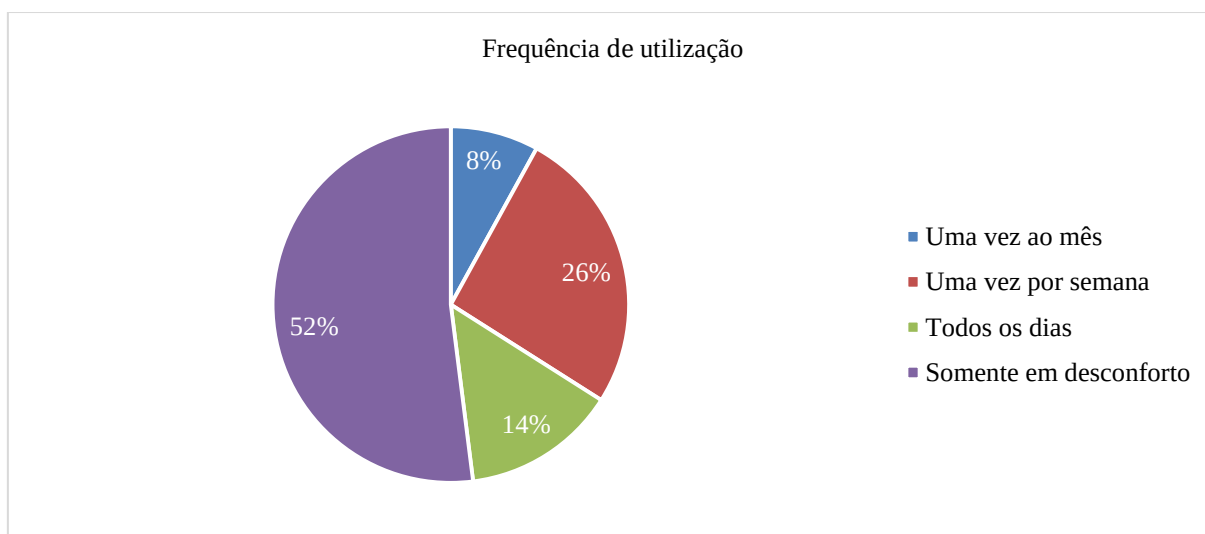
Além disso, a presença de um grande contingente de jovens entre os usuários dessas plantas reforça a ideia de que esse saber continua relevante e se adapta às necessidades contemporâneas da comunidade como destaca Barbosa (2020). Esse fenômeno reflete não apenas a acessibilidade e o baixo custo das plantas medicinais, mas também a confiança da população em sua eficácia, conforme apontado por Matos (2021). Dessa forma, observa-se que, mesmo diante das transformações socioeconômicas e do avanço da biomedicina, a utilização das plantas medicinais mantém seu papel essencial nos cuidados de saúde da população local.

A frequência de uso das plantas medicinais variou significativamente entre os entrevistados, refletindo diferentes padrões de consumo dentro da comunidade. De acordo com os dados levantados, 8% dos participantes relataram utilizar plantas medicinais apenas uma vez ao mês, sugerindo um uso mais esporádico, possivelmente vinculado a sintomas leves ou condições específicas que não requerem intervenções regulares. Um total de 26% afirmou utilizar plantas medicinais ao menos uma vez por semana, o que demonstra um hábito mais

incorporado ao cotidiano, seja como forma de prevenção ou como tratamento de sintomas recorrentes.

Por outro lado, 14% dos entrevistados relataram fazer uso diário de plantas medicinais, indicando uma crença na eficácia de seu uso contínuo, seja para manutenção da saúde ou substituição parcial de medicamentos industrializados. No entanto, a maior parte dos entrevistados (52%) declarou que recorre às plantas medicinais apenas em situações de desconforto, evidenciando um padrão de uso baseado na necessidade imediata (Falcão, Zanandrea e Marinho, 2022) (Figura 4). Esse dado sugere que, para a maioria da população, as plantas medicinais não são utilizadas como um tratamento contínuo, mas como uma alternativa pontual para alívio de sintomas específicos conforme apresentado no estudo de Rocha & Alves (2020).

Figura 4 - Frequência de utilização de plantas medicinais por moradores do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



A análise desses resultados revela a diversidade de percepções e práticas associadas ao uso das plantas medicinais, demonstrando que, apesar da ampla difusão desse conhecimento na comunidade, sua aplicação varia de acordo com fatores como idade, acesso a serviços de saúde, experiência pessoal e transmissão de saberes familiares (Reis *et al*, 2023). Além disso, a predominância do uso eventual das plantas sugere que a medicina tradicional continua desempenhando um papel complementar aos tratamentos convencionais, sendo acionada quando necessário e de forma acessível.

Os achados desta pesquisa corroboram estudos anteriores, que indicam que o uso dessas plantas está fortemente ligado à necessidade de tratar desconfortos e enfermidades de

forma econômica e natural. Valeriano, Savani e Silva (2019) relataram resultados semelhantes, apontando que a aplicação das plantas ocorre, na maioria dos casos, em situações específicas de necessidade, reforçando a relação entre o saber tradicional e as práticas terapêuticas populares. Do mesmo modo, Araújo, Rodrigues e Moura (2021) destacam que, além de sua eficácia, o uso das plantas medicinais representa uma alternativa viável do ponto de vista econômico, especialmente para comunidades onde o acesso a medicamentos industrializados pode ser limitado.

A origem do conhecimento sobre o uso de plantas medicinais na comunidade estudada foi atribuída, de maneira predominante, à transmissão intergeracional, especialmente no núcleo familiar. Todos os entrevistados afirmaram ter aprendido sobre as propriedades e formas de uso dessas plantas com seus pais e avós, evidenciando a forte influência dos mais velhos na preservação desse saber tradicional (Neris, 2024).

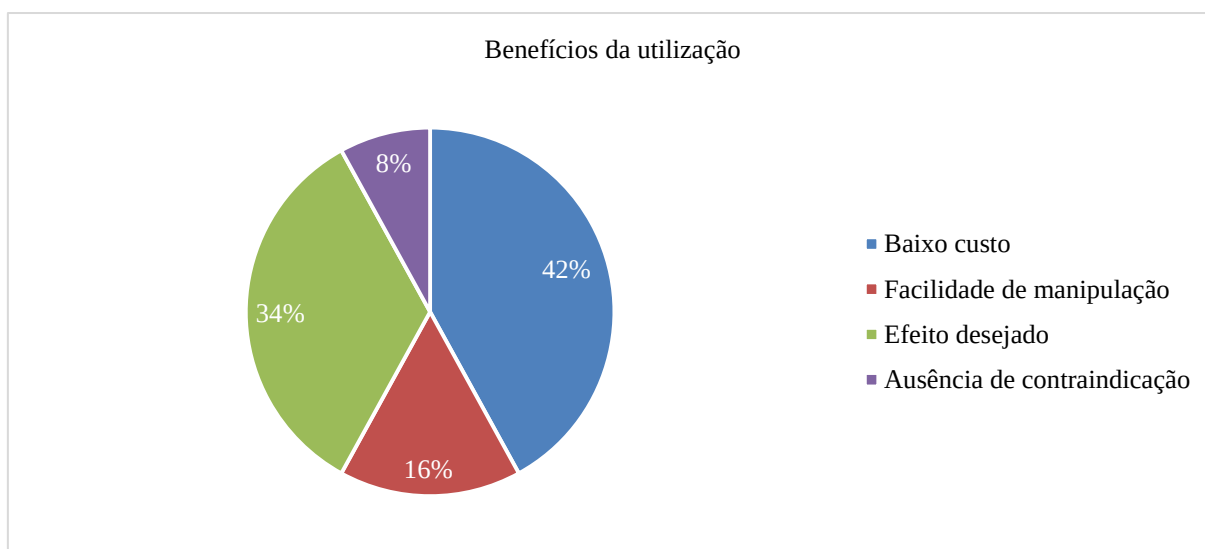
A fala de um dos entrevistados ilustra essa dinâmica: *"Minhas avós sempre usaram plantas pra tudo, e eu aprendi com elas. É um jeito de cuidar da saúde que já vem da nossa família."* (Mulher de 24 anos, 2024). Esse depoimento reflete a continuidade do uso das plantas medicinais ao longo das gerações, demonstrando que, apesar dos avanços da medicina moderna, o conhecimento tradicional ainda se mantém vivo na cultura local. Além disso, os resultados apontaram que indivíduos mais velhos tendem a possuir um conhecimento mais amplo e detalhado sobre o uso das plantas, reforçando o papel desses membros da comunidade como guardiões desse saber ancestral (Faria & Albuquerque, 2018).

A análise dos benefícios atribuídos ao uso das plantas medicinais revelou que o fator econômico é um dos principais motivadores para sua utilização (Ibiapina, 2014), sendo citado por 42% dos entrevistados (Figura 5). Outros aspectos positivos foram destacados, como a facilidade de manipulação das plantas (16%), que podem ser preparadas de maneira simples por meio de infusões, xaropes caseiros ou macerações. Outro benefício frequentemente mencionado foi a eficácia percebida das plantas medicinais (34%), ou seja, a capacidade dessas substâncias naturais de proporcionar alívio para diversos sintomas e enfermidades (Ghizi, 2015).

Uma parcela menor dos entrevistados (8%) ressaltou a ausência de contraindicações como uma vantagem relevante, demonstrando uma percepção generalizada de que os tratamentos naturais são seguros e isentos de efeitos adversos. Essa crença foi reforçada por declarações como a de uma das participantes da pesquisa: *"O que eu mais gosto das plantas é que elas não têm contraindicação. O que é natural, geralmente faz bem."* (Mulher de 47 anos,

2024). No entanto, apesar da ampla aceitação popular das plantas medicinais, é necessário considerar que nem todas são isentas de riscos, especialmente quando utilizadas em combinação com medicamentos convencionais ou em dosagens inadequadas. É relevante destacar que frequentemente se utiliza produtos naturais, reconhecendo sobretudo seus efeitos benéficos, mas sem pleno conhecimento dos possíveis riscos (Souza & Leite, 2017).

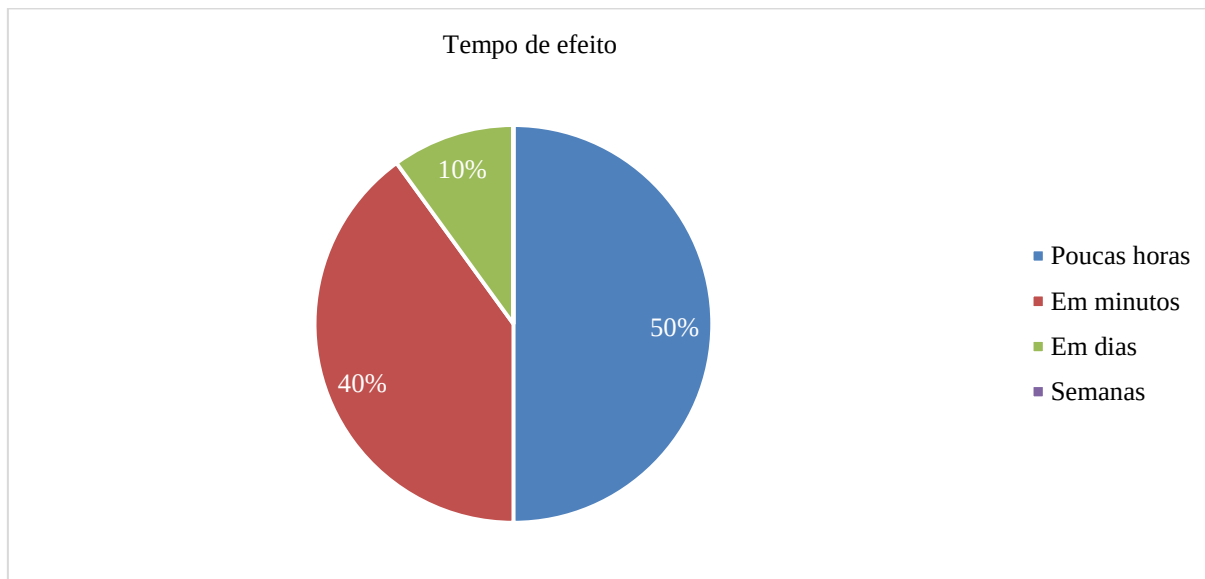
Figura 5 - Benefícios da utilização de plantas medicinais por moradores do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



Os dados obtidos nesta pesquisa reforçam a importância da medicina popular na comunidade estudada, não apenas como alternativa terapêutica, mas também como elemento cultural que fortalece os laços familiares e a identidade local. A predominância do conhecimento transmitido oralmente destaca a relevância de iniciativas que valorizem e preservem esse saber tradicional, promovendo um diálogo entre a ciência e as práticas populares para um uso mais seguro e eficaz das plantas medicinais (Silva, 2023; Silva, A.C. d., 2024).

Os entrevistados apresentaram variações na percepção do tempo necessário para que os efeitos das plantas medicinais fossem sentidos. Metade (50%) relatou notar os benefícios em poucas horas, enquanto 40% afirmaram sentir os efeitos em minutos e 10% em dias. Nenhum participante mencionou demora de semanas para perceber os resultados (Figura 6).

Figura 6 - Tempo para efeito da utilização de plantas medicinais por moradores do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



A rapidez na ação pode estar relacionada à espécie utilizada, ao método de preparo e à condição tratada. Plantas com propriedades analgésicas ou digestivas tendem a produzir efeitos mais imediatos, enquanto aquelas utilizadas para condições crônicas podem demandar um período maior de uso (Hoffman, 2019).

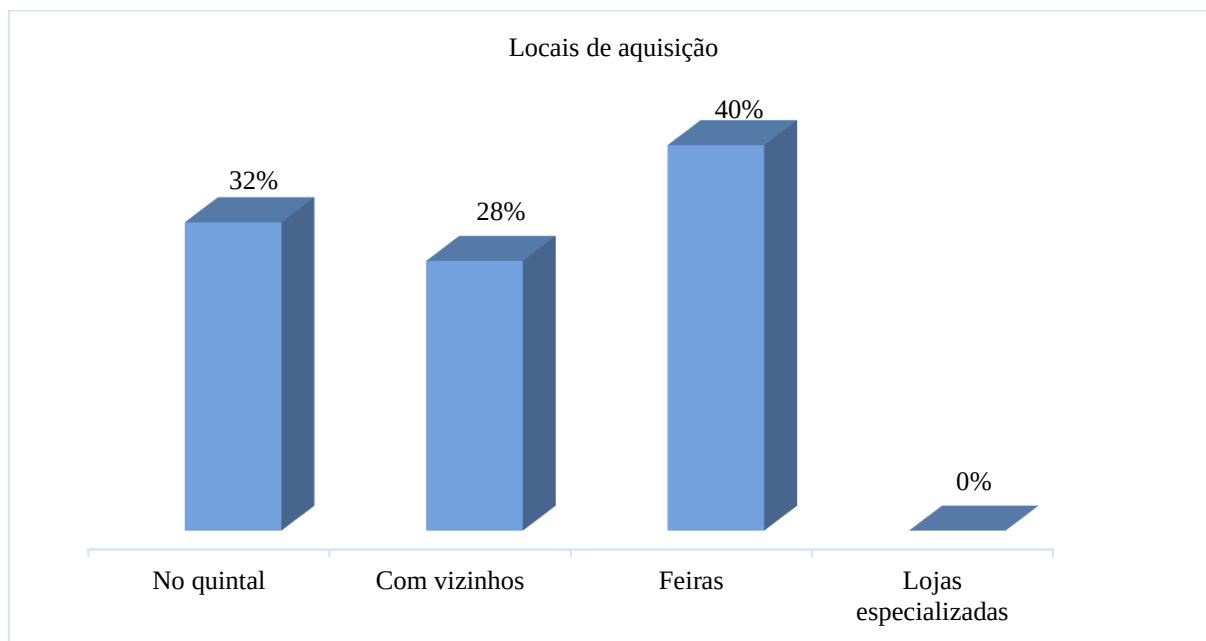
Além disso, nenhum entrevistado relatou conhecer efeitos colaterais decorrentes do uso de plantas medicinais. Esse dado reforça a confiança popular na segurança desses tratamentos, embora estudos apontem que algumas espécies possam causar interações medicamentosas ou reações adversas quando consumidas inadequadamente ou quando interage simultaneamente com medicamentos alopáticos (Dutra, 2009).

Dessa forma, a interseção entre o conhecimento tradicional e a pesquisa científica torna-se essencial para garantir um uso seguro e eficaz das plantas medicinais. O aprofundamento em estudos farmacológicos e etnobotânicos pode contribuir para a validação dos benefícios relatados pela população e para a orientação quanto a possíveis riscos, promovendo uma abordagem mais informada e responsável no uso dessas espécies na comunidade.

A pesquisa revelou que os moradores da comunidade possuem diferentes formas de acesso às plantas medicinais, refletindo a importância dessas espécies no cotidiano local. Uma parcela significativa dos entrevistados (32%) cultivava essas plantas em seus próprios quintais (Figura 7), garantindo um suprimento contínuo e reforçando a conexão entre o conhecimento tradicional e as práticas de cultivo. Esse hábito permite um maior controle sobre a qualidade

das espécies utilizadas, além de promover a autonomia no tratamento de enfermidades por meio de remédios naturais.

Figura 7 - Locais de aquisição de plantas medicinais por moradores do bairro Aeroporto São Bento, MA, 2024.



Além do cultivo próprio, 28% dos entrevistados relataram obter plantas medicinais por meio da troca com vizinhos, evidenciando a existência de uma forte rede comunitária de compartilhamento. Essa prática não apenas amplia o acesso a diversas espécies, especialmente para quem não cultiva, mas também fortalece o convívio social. A troca de conhecimentos sobre chás e remédios naturais estreita os laços comunitários e assegura a preservação intergeracional do saber etnobotânico (Cunha *et al*, 2017).

Outro meio importante de obtenção das plantas medicinais mencionado pelos participantes foi a compra em feiras locais, apontada por 40% dos entrevistados (Figura 7). As feiras desempenham um papel essencial na comercialização dessas espécies, oferecendo tanto plantas frescas quanto secas, o que permite que os moradores adquiram variedades que não são cultivadas em suas residências, esses espaços reúnem comerciantes com amplo conhecimento sobre essas plantas, que compartilham indicações terapêuticas e contribuem para o fortalecimento da cultura regional (Dantas, Santos e Torres, 2019).

Nenhum dos entrevistados afirmou comprar plantas medicinais em lojas especializadas, o que sugere uma valorização dos meios tradicionais de obtenção, priorizando o acesso direto por meio do cultivo, trocas informais ou mercados locais. Como relatado por um dos entrevistados: "*Aqui em casa, o pessoal gosta de fazer remédio caseiro. A planta mais usada é o boldo e*

hortelã, que estão sempre no nosso dia a dia." (Homem, 33 anos, 2024). Esse depoimento ilustra como o uso dessas plantas está enraizado na rotina da comunidade, sendo parte do cuidado diário com a saúde.

Em relação à parte da planta utilizada, a maioria dos moradores relatou utilizar principalmente as folhas das plantas medicinais em seus preparos. Essa preferência se deve à facilidade de acesso, manuseio e preparo, sendo as folhas frequentemente usadas em chás, infusões e compressas, conforme destacado nas entrevistas. A disponibilidade de folhas pode ser um indicativo do seu alto valor de utilização em comparação com outras partes da planta, já que flores, frutos e sementes não estão disponíveis em todas as épocas do ano (Cavalcante, 2022).

É importante destacar a relevância da interação com a comunidade durante a pesquisa. Durante toda a pesquisa, os participantes se mostraram dispostos a compartilhar suas experiências sobre o uso de plantas medicinais. Um dos participantes comentou: *"Quando eu sinto alguma coisa, corro logo pra minha horta. Tem planta que a gente já sabe que funciona, como o boldo pra dor de barriga."* (Mulher de 47 anos, 2024).

Essa dinâmica evidenciou a importância cultural e social das plantas na vida da comunidade, revelando não apenas o conhecimento tradicional, mas também a riqueza das relações interpessoais que se estabelecem em torno desse tema. Durante as conversas, ficou claro que o uso de plantas medicinais transcende o simples ato de cuidar da saúde, e está intrinsecamente ligado à identidade e à história de cada família como relatado nos trabalhos de Mattos (2018), Souza, Lobato e Menezes (2019), Nóbrega (2021).

Além disso, as discussões sobre as propriedades e benefícios de cada planta demonstraram um profundo respeito pela natureza (Silva, 2018). Essa conexão não é apenas utilitária, ela revela um entendimento da importância da preservação do meio ambiente e da sustentabilidade dos recursos naturais. Como observado por um morador: *"Se não fosse por essas plantas, a gente ia gastar muito mais com farmácia. Elas são uma benção na nossa vida."* (Mulher de 45 anos, 2024). O conhecimento popular e científico sobre a eficácia terapêutica das plantas medicinais é valorizado, especialmente pela relação entre seu uso e os benefícios econômicos gerados (Araújo et al., 2021).

Por outro lado, alguns moradores expressaram preocupação crescente em relação à disponibilidade das plantas medicinais na comunidade, afirmando que *"Infelizmente, tá ficando cada vez mais complicado achar essas plantas, porque a cidade tá crescendo e a urbanização vem pegando tudo de um jeito que não para mais."* e *"Antigamente, era mais fácil encontrar*

essas plantas. Agora, com a cidade crescendo, fico preocupado com o que vai acontecer com elas.” (Mulher de 32 anos, 2024). Essas declarações ilustram os desafios enfrentados pela comunidade, que, além de manter suas tradições, também lida com as pressões da urbanização, que podem ameaçar a biodiversidade local e a continuidade do conhecimento sobre o uso das plantas (Carvalho, 2021). A urbanização não só altera a paisagem natural, mas também impacta o acesso a recursos que são fundamentais para a saúde e bem-estar dessas comunidades (Bispo *et al.*; 2020).

Os dados coletados com os moradores revelam uma diversidade significativa no uso de plantas medicinais na comunidade estudada, com um total de 64 espécies listadas (Tabela 1), e algumas ilustradas na Figura 8.

Tabela 1 - Plantas medicinais mencionadas pelos entrevistados no Bairro Aeroporto, São Bento – Maranhão e suas possíveis aplicações terapêuticas.

nº	Nome Popular	Nome Científico	Nº de citações	Parte Utilizada	Estado de Preparo	Forma de Preparo	Finalidade Popular
1	Açafrão	<i>Crocus sativus</i> L.	1	Estigma	Secas	Infusão, tempero	Antioxidante, anti-inflamatório
2	Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> D.C.	1	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Antioxidante, digestivo, gripe
3	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	4	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, tempero	Digestivo
4	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	5	Folhas	Frescas ou secas	Chá	Digestivo
5	Algodão	<i>Gossypium barbadense</i> L.	3	Folhas	Secas	Infusão, chá	Anti-inflamatório, cicatrizante
6	Alho	<i>Allium sativum</i> L.	8	Bulbo	Fresco	Cru, cozido, macerado, chá	Digestivo, gripe
7	Ameixa	<i>Prunus domestica</i> L.	1	Frutos	Frescas, in natura	Suco	Antioxidante, laxante
8	Amora	<i>Morus nigra</i>	3	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Antioxidante, digestivo
9	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	6	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Digestivo
10	Azeitona	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	1	Cascas do caule, fruta	Frescas ou secas	Infusão, tempero	Digestivo, antioxidante

11	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	12	Folhas	Frescas, in natura	Aplicação direta, suco	Hidratante, cicatrizante
12	Bacupari	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi.	2	Frutos	Frescas, in natura	Suco, chá	Antioxidante, digestivo
13	Batata	<i>Solanum tuberosum</i> L.	2	Folhas	Frescas	Infusão	Anti- inflamatório, cicatrizante
14	Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina.	38	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Digestivo, antidiarreico
15	Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	4	Cascas	Secas	Infusão, chá	Antioxidante, anti- inflamatório
16	Chanana	<i>Piriqueta duarteana</i> (Cambess.) Urb. var. <i>duarteana</i>	1	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Calmante, digestivo
17	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	2	Casca do caule	Secas	Infusão, chá	Cicatrizante
18	Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	8	Flores	Secas	Infusão, chá	Calmante, digestivo
19	Canela	<i>Cinnamomum cassia</i> (L.) J.Presl.	5	Cascas	Secas	Infusão, tempero	Digestivo, antioxidante
20	Capim limão	<i>Cymbopogon citratu</i> (DC.) Stapf.	28	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Calmante, digestivo
21	Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry.	2	Botões florais	Secos	Infusão, tempero	Analgésico
22	Ciriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	2	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Anti- inflamatório, digestivo
23	Cavalinha	<i>Equisetum arvense</i> L.	1	Talos	Frescos ou secos	Infusão, chá	Diurético, anti- inflamatório
24	Erva cidreira	<i>Mentha officinalis</i> L.	30	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Calmante, digestivo
25	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	5	Sementes	Secas	Infusão, chá	Digestivo, calmante
26	Erva santa	<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	7	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Anti- inflamatório, digestivo

27	Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> M.	2	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Anti-inflamatório, digestivo
28	Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	3	Folhas	Secas	Infusão, chá	Expectorante, gripe
29	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	12	Raiz	Fresca ou seca	Infusão, cozido, em pó	Anti-inflamatório, digestivo
30	Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	5	Folhas e frutos	Frescas	Chá, suco	Antidiarreico, digestivo
31	Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	1	Folhas, frutos	Frescas ou secas	Infusão, chá, suco	Antioxidante, digestivo
32	Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	1	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Expectorante, anti-inflamatório
33	Hibisco	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	3	Flores	Secas	Infusão, chá	Antioxidante, diurético
34	Hortelã	<i>Mentha spicata</i> L.	25	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Digestivo, refrescante, antisséptico, gripe
35	Hortelã pimenta	<i>Mentha x piperita</i> L.	2	Folhas	Frescas	Infusão, chá	Digestivo, refrescante, antisséptico, gripe
36	Jambo	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M.Perry	1	Folhas e frutos	Frescas, in natura	Suco, chá	Antioxidante, digestivo
37	João gome	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	2	Folhas	Frescas	Infusão, chá, tempero	Anti-inflamatório, digestivo
38	Juncá	<i>Juncus effusus</i> L.	2	Talos	Frescos	Infusão, chá	Diurético, anti-inflamatório
39	Laranja	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	14	Cascas	Secas	Infusão, tempero, chá	Digestivo, antioxidante, antidiarreico
40	Lima	<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle.	3	Folhas	Frescas	Infusão, tempero	Digestivo, refrescante
41	Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	3	Folhas	Secas	Infusão, tempero	Digestivo, antioxidante
42	Milho	<i>Zea mays</i> L.	1	Estigmas	Frescos ou secos	Infusão, chá	Digestivo

43	Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	2	Folhas	Frescas	Infusão, tempero	Antioxidante, digestivo
44	Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	2	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Digestivo
45	Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	1	Folhas e frutos	Frescas	Infusão, suco	Digestivo, anti-inflamatório
46	Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	3	Folhas	Frescas	Chá, infusão	Antidiarreico, digestivo
47	Mastruz	<i>Amaranthus spinosus</i> L.	13	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Expectorante, anti-inflamatório
48	Mata pache	<i>Cecropia pachystachya</i>	1	Folhas	Secas	Infusão, chá	Analgésico, anti-inflamatório
49	Moringa	<i>Moringa oleifera</i> Lam.	1	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Antioxidante, anti-inflamatório
50	Mostarda	<i>Brassica juncea</i> (L.) Czern	1	Sementes	Secas	Infusão, tempero	Digestivo, anti-inflamatório
51	Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	1	Frutos	Frescos	Suco	Antioxidante
52	Orégano	<i>Origanum vulgare</i> L.	1	Folhas	Secas	Infusão, tempero	Digestivo, antioxidante
53	Pariri	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	8	Folhas	Frescas ou secas	Infusão	Analgésico, anti-inflamatório
54	Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> Radlk.	2	Cascas	Secas	Infusão, chá	Antioxidante, digestivo
55	Quebra pedra	<i>Phyllanthus amarus</i> Schumach. & Thonn.	4	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Diurético
56	Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	1	Frutos	Frescos	Cozido, refogado	Antioxidante, diurético
57	Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	6	Folhas e talos	Frescas	Tempero	Diurético, digestivo
58	Santa Quitéria	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	6	Folhas	Frescas	Chás, infusão	Hidratante, cicatrizante
59	Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i>	4	Folhas e Frutos	Frescas ou secas	Chá, infusão, suco	Digestivo, refrescante
60	Tipi	<i>Petiveria alliacea</i> L.	1	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Antioxidante, digestivo

61	Unha de gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd.) DC.	1	Cascas, folhas	Secas	Infusão, chá	Anti-inflamatório
62	Unxi amarelo	<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec.	1	Folhas	Frescas ou secas	Infusão, chá	Antioxidante, anti-inflamatório
63	Urtiga	<i>Urtica dioica</i> L.	1	Folhas, raízes	Frescas ou secas	Infusão, chá	Anti-inflamatório
64	Vinagreira roxa	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	6	Frutos, folhas	Frescas ou seco	Infusão, chá	Digestivo, anti-inflamatório

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Dentre as plantas citadas, as mais frequentemente mencionadas foram o Boldo, a Erva Cidreira, o Capim Limão, a Hortelã, a Casca de Laranja, o Mastruz, a Babosa e o Gengibre. Boldo (*Peumus boldus* Molina) é considerado um importante digestivo, sendo amplamente utilizado para tratar problemas de digestão, como visto no trabalho de Queiroz & Cavalcanti (2024). Outro destaque são a erva-cidreira (*Melissa officinalis* L) e o capim-limão (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), amplamente utilizadas na forma de infusão, tanto com folhas frescas quanto secas, com propriedades calmantes e digestivas (Wolkers & Pinheiro, 2023).

A Hortelã (*Mentha spicata* L), cujas folhas podem ser utilizadas frescas ou secas, é outra planta amplamente utilizada. Contém compostos como mentol e mentona, que exercem efeito tranquilizante ao favorecer o relaxamento do sistema nervoso (Sarrico *et al*, 2022). Os moradores a utilizam como refrescante e para aliviar problemas como resfriados, sendo uma planta valorizada tanto na culinária quanto na medicina popular. Além destas, a laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck) que é rica em vitamina C como visto em Brasil (2022), também é muito utilizada, sendo sua casca preparada em infusões digestivas e antioxidantes, além de ser utilizada como tempero.

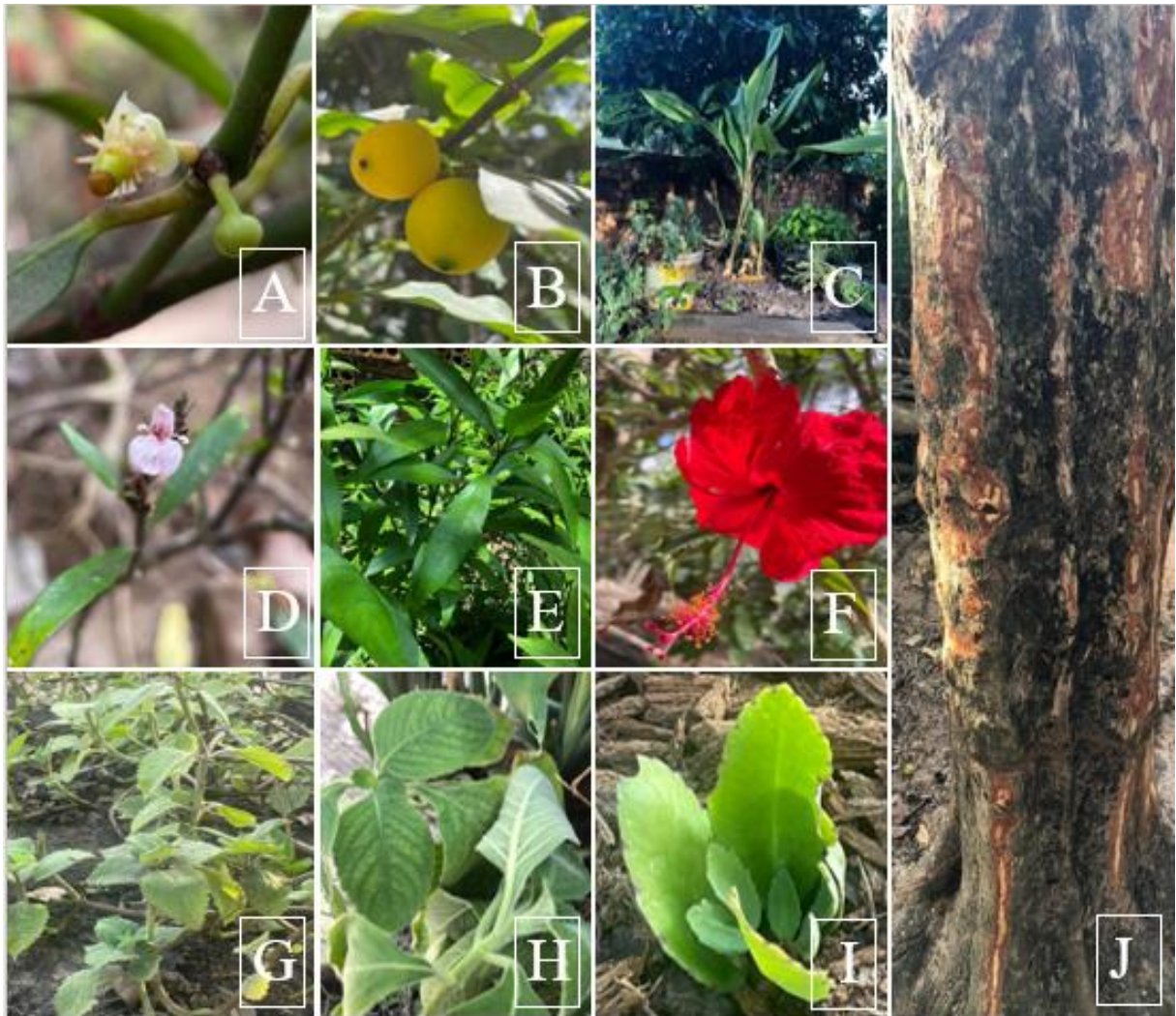
O Mastruz (*Amaranthus spinosus* L.), cujas folhas podem ser utilizadas frescas ou secas, é muito valorizado como expectorante e anti-inflamatório. Os moradores o utilizam para tratar resfriados e problemas respiratórios, demonstrando um conhecimento prático de suas propriedades medicinais como visto em Vital (2023). A Babosa (*Aloe vera* (L.) Burm.f.), cuja folha é utilizada fresca e aplicada diretamente na pele, é reconhecida por suas propriedades hidratantes e cicatrizantes, bastante utilizada para tratar queimaduras e problemas de pele (Silva, 2024). Por fim, o Gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) aparece como uma raiz que pode ser utilizada fresca ou seca e preparada em infusões, cozidos ou em pó. É valorizado por

suas propriedades anti-inflamatórias e digestivas, sendo um recurso comum para tratar náuseas e dores (Crescêncio, 2022).

De maneira geral, a maioria das espécies é utilizada em formas de preparo simples, como infusões e chás, pois possuem a vantagem de serem acessíveis, com menor risco de efeitos colaterais e boa eficácia, o que facilita seu uso e torna a prática comum entre os moradores (Rodrigues *et al*, 2025). Além disso, as informações obtidas nesta pesquisa ajudam a reforçar a importância das plantas medicinais no cotidiano da população, revelando um patrimônio cultural imaterial associado ao uso da flora local (Rossato, 2018).

Segundo Aquino *et al* (2025), a importância dessas plantas vai além do valor econômico, refletindo a rica tradição de uso de recursos naturais nas comunidades. Seu impacto abrange aspectos sociais, culturais e ambientais, evidenciando não apenas seu valor para a saúde, mas também seu papel na identidade local. A pesquisa demonstra como o conhecimento sobre plantas medicinais está profundamente enraizado no cotidiano dos moradores, que as utilizam em práticas tradicionais. Além disso, essas espécies são amplamente empregadas em diversas indústrias, como a farmacêutica, cosmética, alimentícia e de bebidas, destacando sua relevância tanto para a cultura quanto para a economia (Sesso, 2025).

Figura 8 - A-J. Plantas medicinais utilizadas pelos moradores do bairro Aeroporto no município de São Bento. A: Botão floral do Bacupari (*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi.). B: Fruto do bacupari (*Garcinia gardneriana* (Planch. & Triana) Zappi.). C: Quintal com plantas variadas de uma entrevistada. D: Flor da Erva Santa (*Justicia gendarussa* Burm.f.). E: Folhas da erva santa (*Justicia gendarussa* Burm.f.). F: Flor do Hibisco (*H Hibiscus rosa-sinensis* L.). G: Hortelã da folha grossa (*Mentha spicata* L.). H: Boldo (*Peumus boldus* Molina). I: Santa Quitéria (*Kalanchoe pinnata* (Lam.) Pers.). J: Tronco da árvore de pitomba (*Talisia esculenta* Radlk.).



Fonte: A autora

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender a diversidade botânica utilizada pelos moradores do bairro Aeroporto, em São Bento, MA, com ênfase nas práticas tradicionais associadas ao uso de plantas medicinais. A pesquisa evidenciou que o conhecimento sobre essas espécies é transmitido predominantemente de forma oral e está diretamente relacionado ao cultivo doméstico, à coleta em áreas naturais próximas e ao intercâmbio entre moradores. Essas práticas reforçam a forte relação entre a comunidade e a biodiversidade local, destacando o valor do saber popular na promoção da saúde.

Entretanto, foram identificados desafios que podem comprometer a continuidade desse conhecimento, como a degradação ambiental e a dificuldade de acesso a determinadas espécies. Diante disso, torna-se essencial a implementação de estratégias que conciliem tradição e ciência, promovendo o uso sustentável dessas plantas e garantindo a preservação do conhecimento etnobotânico.

A valorização dessas práticas pode ser fortalecida por meio de ações como a catalogação das espécies utilizadas, capacitações sobre boas práticas no uso de plantas medicinais e a inclusão de abordagens etnobotânicas em políticas de saúde pública. Essas medidas não apenas auxiliam na conservação da biodiversidade, mas também contribuem para o reconhecimento do conhecimento tradicional como um recurso fundamental para o cuidado integral da saúde comunitária.

Dessa forma, este estudo reforça a necessidade de integrar o saber popular às pesquisas científicas e políticas públicas, garantindo que esse patrimônio imaterial continue sendo transmitido e valorizado pelas futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. D. M. *et al.* Estudo etnobotânico do conhecimento e uso das plantas medicinais no município de Buriticupu, Maranhão, Brasil. **Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais**, v. 10, n. 6, p. 328-338, out./nov. 2019. Disponível em: <https://sustenere.inf.br/index.php/rica/article/view/CBPC2179-6858.2019.006.0028>. Acesso em: 13 mar. 2025.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2005. 93 p.
- ALVES, H. K. D. R. **Conhecimentos e práticas do uso de plantas medicinais com Abordagem etnobotânica, no município de Morrinhos-Goiás**: Estudo de caso. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Sociedade) - Câmpus Sudeste – Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos-GO.
- BARBOSA, I. G. **As plantas medicinais e sua relevância no contexto social no assentamento Santa Luzia em Ouroândia-Bahia**. 2020. Disponível em: https://ri.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/3503/1/Plantas_Contexto_Social_TCC_2020.pdf. Acesso em: 13 dez. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, 2016.
- BELTRESCHI, Letícia; DE LIMA, Rita Baltazar; DA CRUZ, Denise Dias. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Environment, Development and Sustainability**, v. 21, p. 1185-1203, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322403915_Traditional_botanical_knowledge_of_medicinal_plants_in_a_quilombola_community_in_the_Atlantic. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BISPO, G. L. *et al.* Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola Sítio Arruda, Araripe-CE: saúde e sustentabilidade. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais/Brazilian Journal of Medicinal Plants**, v. 22, n. 4, p. 188-192, 2020.
- BORGES, F. V.; SALES, M. D. C. Políticas públicas de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: sua história no sistema de saúde. **Pensar Acadêmico**, v. 16, n. 1, p. 13-27, 2018.
- BRAGA, J. C.B.; DA SILVA, L. R. Consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: perfil de consumidores e sua relação com a pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, 2021.
- BRANDÃO, M. G. L, GOMES, C. G., NASCIMENTO, A. M. Plantas nativas da medicina tradicional brasileira: uso atual e necessidade de proteção. **Estado da Arte/State of the Art**, Minas Gerais, v. 2, n. 3, p. 24-28, dez. 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18403>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRASIL. Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm?origin=instituicao. Acesso em: 13 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 190 p.

BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária À Saúde (org.). **O que é Atenção Primária?** 2021.

BRASIL. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Departamento de Apoio Técnico e Educação Permanente. Comissão Assessora de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. **Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. São Paulo: Conselho. Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2019. 4 ed. 86 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL, IBGE. **Censo Demográfico 2022 [em linha]**. mar. 2024.

CAJAIBA, R. L. *et al.* Perfil dos comerciantes de plantas medicinais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 13, n. 24, 2016.

CARVALHO, B. A. D. **Utilização de plantas medicinais no tratamento dos sintomas provocados pelas viroses: Dengue, Zika e Chikungunya**. 2021.

CAVALCANTE, F.S.; SCUDELLER, V.V. A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 7, p. 01-20, 2022.

CONDE, B. E. *et al.* Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLoS One**, v. 12, n. 11, p. 1-25, 28 nov. 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article/file?id=10.1371/journal.pone.0187599&type=printable>. Acesso em: 20 nov. 2024.

COSTA, S.; PEREIRA, C. Etnobotânica como subsídio para a educação ambiental nas aulas de ciências. **Educação Ambiental.**, v. 11, n. 2, p. 279-298. 2016.

CRESCÊNCIO, W. G. D. *et al.* Efeito do extrato de gengibre (*Zingiber officinale roscoe*) em paciente com náuseas e vômitos no tratamento quimioterápico. **Singular. Saúde e Biológicas**, v. 1, n. 3, p. 33-39, 2022.

CUNHA, A. P. d. Aspectos históricos sobre plantas medicinais, seus constituintes activos e fitoterapia. **Plantas e produtos vegetais em fitoterapia**. 4 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

DAL'LIN, C. M. P. *et al.* Etnobotânica e fitoterapia na atenção básica a saúde no município de Araquari, Santa Catarina. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 10, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9177/5382>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DANTAS, J. I. M.; DOS SANTOS, M. T. L.; TORRES, A. M. Conhecimento etnobotânico de plantas medicinais por comercializadores da feira livre municipal de Santana do Ipanema-AL. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 3, p. 742-748, 2019.

DA CUNHA, P. J. *et al.* Plantas medicinais e idosos de um condomínio: conhecimentos populares que geram afetos. **Anais** V. 19 dez. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/34713>. Acesso em: 20 nov. 2024.

DA ROCHA, L. P. B. *et al.* Uso de plantas medicinais: Histórico e relevância. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. 1-9, 2021.

DA SILVA ROCHA, N.; ALVES, L. A. Prevalência do uso de Plantas Medicinais em uma Unidade de Saúde da Família no Município de Caetanos-BA/Prevalence of the use of Medicinal Plants in a Family Health Unit in the Municipality of Caetanos-BA. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 14, n. 51, p. 237-249, 2020.

DA SILVA, C. C. C. *et al.* Característica e potencialidades da babosa. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 11, n. 1, 2024.

DA SILVA, J. L. A. *et al.* Conhecimento local e as vias de transmissão cultural no uso de plantas medicinais no município de Buritirana, Maranhão. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, p. 1-25, 2025.

DE AQUINO, K. B. M. N. *a et al.* Conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais de estudantes do Ensino Médio de Escolas Públicas no município de Rolim de Moura-RO, Brasil. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 17, n. 1, p. 1-26, 2025.

DE FARIA, J. L. M.; DE ALBUQUERQUE, U. P. Como fatores socioeconômicos podem afetar o conhecimento de plantas medicinais? **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 3, n. 1, p. 33-36, 2018.

DE MELO QUEIROZ, M. P. C.; CAVALCANTI, D.R. Etnofarmacologia de espécies reconhecidas no Brasil. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 8, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/5415/4044>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DOS REIS, H. S. *et al.* Plantas medicinais da caatinga: uma revisão integrativa dos saberes etnobotânicos no semiárido nordestino. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 2, p. 874-900, 2023.

DE RUDDER, E. M. C. **Guia compacto das plantas medicinais**. Rideel, 2002.

DE SOUZA, A. B.; LEITE, L. H. I. Uso de plantas medicinais: Conhecimento para promoção da educação em saúde. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 1, p. 516-522. set/dez. 2016.

DOS SANTOS, B. C. *et al.* Atividade medicinal da erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.): Revisão de literatura. **38º Reunião Nordestina de Botânica**, 2024.

DUARTE, J. P.; BARBOZA, M. L. B. M.; ALBUQUERQUE, H. N. D. Etnoconhecimento da hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus*) no interior paraibano. **Open Minds International Journal**. São Paulo, v. 3, n. 2, 2022.

DUTRA, M. G. Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Saúde Pública: Um diagnóstico situacional em Anápolis, Goiás. **Fronteiras**. Anápolis, v. 1, n. 2, p. 76-89, 2009.

FALCÃO, J. G.; MARINHO, L. C.; ZANANDREA, I. Uso medicinal de plantas no Povoado Muquila, Arari, Maranhão—Um estudo Etnobotânico. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 1, p. 67-87, 2022.

FELIX, C. D. M. P. *et al.* Etnobotânica da Serra do Jatobá: usos locais e conservação. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 11, 2019.

FERREIRA, G. *et al.* A etnobotânica e o ensino de botânica do ensino fundamental: possibilidades metodológicas para uma prática contextualizada. **FLOVET-Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 9, 2017.

FIEBIG, G. A.; PASA, M. C. As plantas medicinais na comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brasil. **Advances in Forestry Science**, v. 5, n. 1, p. 237-248, 2018.

FIGUEREDO, C. A.; GURGUEL, I. G. D.; GURGEL JUNIOR, G. D. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 381-400, 2014.

FONTANELLA, B. J. B. *et al.* Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-394, fev. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3bsWNzMMdvYthrNCXmY9kJQ/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FONSECA, A. C. D. **ESTUDO FITOQUÍMICO E POTENCIAL TERAPÊUTICO DA *Bauhinia variegata***. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Farmácia) - Universidade Federal de Campina Grande, Cuité- PB, p. 01-34, 2023.

FRANCO, F.; LAMANO-FERREIRA, A. P. N.; FERREIRA, M. L. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Caderno de Cultura e Ciência**, Ano 6, v.10, n.2, p. 18-23, 2011.

GHIZI, A; MEZZOMO, T. R. Uso de plantas medicinais e satisfação de consumidores de lojas de produtos naturais do Mercado Municipal de Curitiba PR, **bvs: biblioteca virtual em saúde**. p. 145-155, 2015.

GÓIS, L.; MARTINS, M.; DA SILVA, I. M. M.; GÓIS, L. M.; DE ALMEIDA, S. G. O programa nacional de plantas medicinais e fitoterápicos e o processo participativo de implantação de hortas medicinais pelos coletivos de mulheres do MST, no sul de Minas Gerais. **Revista Terceiro Incluído**. v. 6, p. 101-113, 2016.

GOMES, G. C. **As árvores nativas e o saber local como contribuição à sustentabilidade de agroecossistemas familiares na Serra dos Tapes, RS**. Tese (Doutorado em Agronomia) — Faculdade de Agronomia, Universidade de Pelotas, Pelotas, 2014.

GONÇALVES, R. N.; GONÇALVES, J. R. S. N.; BUFFON, M. C. M.; NEGRELLE, R. R. B.; MAZZA, V. A. Os marcos legais das políticas públicas de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil. **Rev. APS**, v. 23, n. 3, p. 597- 622. 2020.

HANAZAKI, Natália *et al.* Etnobotânica nos Arais da Ribanceira de Imbituba: Compreendendo a Biodiversidade Vegetal Manejada para Subsidiar a Criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável. **Biodiversidade Brasileira**, v. 2, n .2, p. 50-64, 2012.

HOFFMAN, David. **O guia completo das Plantas Medicinais**: Ervas de A a Z para tratar doenças, restabelecer a saúde e o bem-estar. Cultrix, 2019.

IBIAPINA, W. V. *et al.* Inserção da fitoterapia na atenção primária aos usuários do SUS. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 12, n. 1, p. 60-70, 2014.

IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change. **Climate Change**: Mitigation of Climate Change. Disponível em: https://www.thesunprogram.com/research-platform-feed/ipcc-intergovernmental-panel-on-climate-change?gad_source=1&gclid=EAIaIQobChMIyuSYv-uOjAMVvtECB2I7CdsEAAYASAAEgKzBvD_BwE. Acesso em: 13 Mar. 2025.

LEITE, M. J. H. *et al.* **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população de São José dos Cordeiros, Região Nordeste, Paraíba Brasil.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2020.

LUCENA, R. F. P. *et al.* **Perspectivas e avanços na Etnobiologia: uma avaliação na Conferência Internacional do Brasil.** Conferência Internacional Online de Etnobiologia, João Pessoa: UFPB, 437 p. 2020.

NÓBREGA, L. B. *et al.* **Conhecimento e uso de plantas medicinais por idosos dos programas da assistência social (PAIF/CRAS) do município de Baraúna-PB.** 2021.

MARQUES, M. A. A. *et al.* Caracterização das plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos para tratamento da osteoporose utilizados no Brasil. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 20, n. 3, 2016.

MARTINELLI, J. C.; PANCIERI, E. A.; SACRAMENTO, T. H. Potencial terapêutico do *hypericum perforatum* no tratamento do transtorno depressivo maior: revisão integrativa. **Revista Multidisciplinar Do Nordeste Mineiro**, v. 1, n. 1, p. 01-18, 2025. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/3411>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MATOS, A. K. A. **Plantas medicinais no nordeste brasileiro:** biodiversidade e os seus usos. Curso de Ciências Biológicas. Paripiranga, 2021.

MATTOS, G. *et al.* Plantas medicinais e fitoterápicos na Atenção Primária em Saúde: percepção dos profissionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 11, 2018. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/plantas-medicinais-e-fitoterapicos-na-atencao-primaria-em-saude-percepcao-dos-profissionais/15946?id=15946>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MELO-BATISTA, A. A.; OLIVEIRA, C. R. M. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. **Enciclopédia Biosfera**, v. 10, n. 18, p. 74-88, 2014.

MODRO, A. F. H. *et al.* Importância do conhecimento tradicional de plantas medicinais para a conservação da Amazônia. **Cadernos de Agroecologia [Volumes 1 (2006) a 12 (2017)]**, v. 10, n. 3, 2015.

MOREIRA, E. C. P.; CONDE, L. B. A Lei n. 13.123/2015 e o Retrocesso na Proteção dos Conhecimentos Tradicionais. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 14, n. 29, p. 175-205, mai./ago. 2017.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de biologia e ciências da terra**, v. 7, n. 2, 2007.

NCUBE, N. S.; AFOLAYAN, A. J.; OKOH, A. I. Assessment techniques of antimicrobial properties of natural compounds of plant origin: current methods and future trends. **African journal of biotechnology**, v. 7, n. 12, 2008.

NERIS, J. P. F. *et al.* Etnoconhecimento sobre plantas de uso medicinal na comunidade Suassui, São Miguel do Guamá, nordeste paraense. **Observatório de la economia latino-americana**, v. 22, n. 10, 2024.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 6., 2019, Campina Grande. **A valorização e o uso das plantas medicinais pelos idosos: Uma revisão integrativa**. Campina Grande, 2019.

PENHA, D.A. de J. A. **Etnoconhecimento e o uso de plantas medicinais por moradores do povoado Santa Rosa em São Bento-MA**. 96 p. 2021.

RÊGO, T. de J. A. S. **Fitogeografia das plantas medicinais no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2008.

REIS, D. *et al.* Educação Escolar Quilombola no Maranhão: análise de uma experiência. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, 2020.

RICHARD, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**, 3. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, J. A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L. R. R. M. V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações (Campo Grande)**, v. 16, p. 67-74, 2015.

RODRIGUES, B. N. P.; DOS SANTOS, E. E. R.; RAMOS, D.M. Etnofarmacologia: Resgatando saberes sobre uso de plantas amazônicas para fins medicinais. **Revista Foco**, v. 18, n. 1, 2025.

RODRIGUES, M. L. Os novos e velhos desafios para os saberes sobre as plantas medicinais e fitoterapia na Estratégia Saúde da Família após a pandemia de Covid-19. **Horizontes Antropológicos**, v. 30, n. 69, 2024.

ROSSATO, A. L. **Uso de plantas medicinais: cultura popular na experiência da pastoral da saúde da Paróquia São Paulo Apóstolo em Criciúma-SC**. 2018.

SALES, M. D. C.; SARTOR, E. de B.; GENTILLI, R. M. L. Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. **Salus J. Health Sci**, v. 1, n. 1, p. 17-26, 2015.

SARRICO, L. D. *et al.* Um estudo do uso de chás da hortelã (*Mentha x Villosa Huds*), folha de Maracujá (*Passiflora Edulis*), Camomila-vulgar (*Matricaria Chamomilla L.*) E de Erva-cidreira (*Melissa Officinalis*) no auxílio ao tratamento e prevenção à ansiedade: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 9, 2022.

SILVA, G. P.; ARAUJO, T. D. V. Estudo do Potencial Terapêutico de Plantas Medicinais no Tratamento de Ancilostomose. **Pleíade**, v. 17, n. 39, p. 22-27, abr./jun. 2023.

SILVA, G. d. N. F. d. **O potencial de Luehea divaricata como tratamento fitoterápico tradicional no combate a diabetes mellitus em uma comunidade amazônica**. Orientadora: Iracely Rodrigues da Silva; Euzébio de Oliveira. 2023. 53 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) - Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2023.

SILVA, A. C. d. A **Etnofarmacologia na Amazônia: um estudo de caso nas comunidades São Francisco e São José sobre o uso de plantas medicinais no município de Careiro Da Várzea Amazonas**. 2024. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2024.

SILVA, L. N. *et al.* Anti-infective effects of Brazilian Caatinga plants against pathogenic bacterial biofilm formation. **Pharmaceutical Biology**, v. 53, n. 3, p. 464-468, 2015.

SIMÃO, L. M. A casa da memória da rede fitovida: Estratégias associativas de grupos comunitários de saúde em busca do registro de patrimônio imaterial. *In: Utopias e distopias da Ciência Política*: Atena, p. 42-51. 2019.

SONAGLIO, D. *et al.* Desenvolvimento tecnológico e produção de fitoterápicos. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**, v. 5, p. 289-32, 2003.

SESSO, P. P. *et al.* Análise econômica, social e ambiental da cadeia produtiva de plantas medicinais, aromáticas e condimentares no Brasil. **REVISTA DELOS**, v. 18, n. 63, 2025.

STEFANELLO, S. *et al.* Levantamento do uso de plantas medicinais na Universidade Federal do Paraná, Palotina-PR, Brasil. **Extensão em Foco**, [S. l.], v. 1, n. 15, 2018.

SZERWIESKI, L. L. D. *et al.* Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista eletrônica de enfermagem**, v. 19, 2017.

SOUZA, M. J. C.; LOBATO, S. L. X.r; MENEZES, R. A. de O. Conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade ribeirinha do Igarapé Banha no Município de Mazagão-Amapá, Amazônia brasileira. **Revista Estação Científica (UNIFAP)[internet]**, v. 9, n. 1, p. 51-62, 2019.

THE BRAZIL FLORA GROUP. **Coleção Flora do Brasil 2020**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2021.

TEIXEIRA, M. I. **Etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais utilizadas na microrregião de alta floresta-Mato Grosso**. 2024. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 2024.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. de L. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 41, 2025.

VALERIANO, F. R.; SAVANI, F. R.; SILVA, M. R. V. O uso de plantas medicinais e o interesse pelo cultivo comunitário por moradores do bairro São Francisco, município de Pitangui, MG. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, n. 3, p. 891-905, 2019.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S.; NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v. 44, n. 4, 457- 472, 2014.

VITAL, L. de S. *et al.* **Extração e quantificação de flavonoides por análise espectrofotométrica UV/VIS no mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.).** 2023.

XAVIER, R. A. T.; LIMA, R. A. O papel das mulheres na construção do conhecimento em Etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa. **Conhecimento & Diversidade**, v. 12, n. 27, p. 51-63, 2020.

WANDERLEY, L.S.M. *et al.* Uso de plantas medicinais por indivíduos da comunidade do Valentina-PB. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 99-105, 2015.

WOLKERS, C. P. B. *et al.* **Uso do teste da formalina para avaliação do potencial antinociceptivo do óleo essencial de capim limão (*Cymbopogon citratus*) utilizando o peixe *Danio rerio*.** 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO monographs on selected medicinal plants.** World Health Organization, 1999.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário semiestruturado utilizado para realização das entrevistas.

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

1. Nome do entrevistado: _____
2. Sexo: M ☐ F ☐
3. Idade: ☐ 15 a 25 ☐ 26 a 35 ☐ 36 a 45 ☐ 46 a 55 ☐ 56 a 65 ☐ > 65 (anos)
4. Você usa plantas medicinais: Sim ☐ Não ☐
5. Com que frequência você utiliza?
☐ Uma vez ao mês ☐ Uma vez por semana ☐ Todos os dias ☐ Somente em desconforto
6. Com quem você aprendeu a usar plantas medicinais?
☐ Pais/Avós ☐ Amigos/Vizinhos ☐ Na TV/Rádio ou Revistas e Livros ☐ Com médico
☐ outros _____
7. Quais os benefícios em utilizar plantas medicinais?
☐ Fácil manipulação ☐ Baixo custo ☐ Efeito desejado ☐ Sem contra indicações
☐ outros _____
8. Após utilização quanto tempo leva até você perceber que começou a surtir efeito?
☐ Algumas horas ☐ Alguns minutos ☐ Alguns dias ☐ Semanas
9. Você conhece algum efeito colateral sobre a planta que você utiliza?
☐ Sim ☐ Não
10. Onde você adquire as plantas medicinais?
☐ No quintal ☐ Com vizinhos ☐ Feiras ☐ Lojas especializadas ☐ outros